



Biblioteca Mundial  
de la Poesía  
UAEMEX



UAEM

Universidad Autónoma  
del Estado de México



JOAQUIN MARÍA  
MACHADO DE ASSIS

Americanas  
1875

## POTIRA

Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar; resistiu valorosamente dizendo em língua brasílica: “Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiseres.” Deu-se por afrontado o bárbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

VASC., CR. DA COMPANHIA DE JESUS, LIV. 3º

## I

Moça cristã das solidões antigas,  
Em que áurea folha reviveu teu nome?  
Nem o eco das matas seculares,  
Nem a voz das sonoras cachoeiras,



O transmitiu aos séculos futuros.  
Assim da tarde estiva às auras frouxas  
Tênuê fumo do colmo no ar se perde;  
Nem de outra sorte em moribundos lábios  
A humana voz expira. O horror e o sangue  
Da miseranda cena em que, de envolta  
Coos longos, magoadíssimos suspiros,  
Cristã Lucrecia, abriu tua alma o vôo  
Para subir às regiões celestes,  
Mal deixada memória aos homens lembra.  
Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,  
Nem tua campa o brasileiro os sabe.

## II

Já da férvida luta os ais e os gritos  
Extintos eram. Nos baixéis ligeiros  
Os tamoios incólumes embarcam;  
Ferem coos remos as serenas ondas  
Até surgirem na remota aldeia.  
Atrás ficava, lutuosa e triste, A  
nascente cidade brasileira,  
Do inopinado assalto espavorida,  
Ao céu mandando em coro inúteis vozes.  
Vinha já perto rareando a noite,  
Alva aurora, que à vida acorda as selvas,



Quando a aldeia surgiu aos olhos torvos  
Da expedição noturna. À praia saltam  
Os vencedores em tropel; transportam  
Às cabanas despojos e vencidos,  
E, da vigília fatigados, buscam  
Na curva leve rede amigo sono,  
Exceto o chefe. Oh! esse não dormira  
Longas noites, se a troco da vitória  
Precisas fossem. Traz consigo o prêmio,  
O desejado prêmio. Desmaiada  
Conduz nos braços trêmulos a moça  
Que renegou Tupã, e as rudes crenças  
Lavou nas águas do batismo santo.  
Na rede ornada de amarelas penas  
Brandamente a depõe. Leve tecido  
Da cativa gentil as formas cobre;  
Veste-as de mais a sombra do crepúsculo,  
Sombra que a tibia luz da alva nascente  
De todo não rompeu. Inquieto sangue  
Nas veias ferve do índio. Os olhos luzem  
De concentrada raiva triunfante.  
Amor talvez lhes lança um leve toque  
De ternura, ou já sôfrego desejo;  
Amor, como ele, aspérrio e selvagem,  
Que outro não sente o herói.



### III

#### Herói lhe chamam

Quantos o hão visto no fervor da guerra  
Medo e morte espalhar entre os contrários  
E avantajar-se nos certos golpes  
Aos mais fortes da tribo. O arco e a flecha  
Desde a infância os meneia ousado e afoito;  
Cedo aprendeu nas solitárias brenhas  
A pleitear às feras o caminho.  
A força opõe à força, a astúcia à astúcia,  
Qual se da onça e da serpente houvera  
Colhido as armas. Traz ao colo os dentes  
Dos contrários vencidos. Nem dos anos  
O número supera o das vitórias;  
Tem no espaçoso rosto a flor da vida,  
A juventude, e goza entre os mais belos  
De real primazia. A cinta e a fronte  
Azuis, vermelhas plumas alardeam,  
Ingênuas galas do gentio inculto.

### IV

Da cativa gentil cerrados olhos  
Não se entreabrem à luz. Morta parece.



Uma só contração lhe não perturba  
A paz serena do mimoso rosto.  
Junto dela, cruzados sobre o peito  
Os braços, Anajê contempla e espera;  
Sôfrego espera, enquanto idéias negras  
Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe  
A mente de projetos tenebrosos.  
Tal no cimo do velho Corcovado  
Próxima tempestade engloba as nuvens.  
Súbito ao seio túrgido e macio  
Ansiosas mãos estende; inda palpita  
O coração, com desusada força,  
Como se a vida toda ali buscasse  
Refúgio certo e último. Impetuoso  
O vestido cristão lhe despedaça,  
E à luz já viva da manhã recente  
Contempla as nuas formas. Era acaso  
A síncope chegada ao termo próprio,  
Ou, no pejo ofendida, às mãos estranhas  
A desmaiada moça despertara.  
Potira acorda, os olhos lança em torno,  
Fita, vê, compreende, e inquieta busca  
Fugir do vencedor às mãos e ao crime...  
Mísera! opõe-se-lhe o irritado gesto  
Do aspérrimo guerreiro; um ai lhe sobe  
Angustioso e triste aos lábios trêmulos,



Sobe, murmura e sufocado expira.  
Na rede envolve o corpo, e, desviando  
Do terrível tamoio os lindos olhos,  
Entrecortada prece aos céus envia,  
E as faces banha de serenas lágrimas.

V

Longo tempo correra. Amplo silêncio  
Reinou entre ambos. Do tamoio a fronte  
Pouco a pouco despira o torvo aspecto.  
Ao trabalhado espírito, revolto  
De mil sinistros pensamentos, volve  
Benigna calma. Tal de um rio engrossa  
O volume extensíssimo das águas  
Que vão enchendo de pavor os ecos,  
Vencendo no arruído o vento e o raio,  
E pouco a pouco atenuando as vozes,  
Adelgaçando as ondas, tornam mansas  
Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,  
Para tomar nos braços a formosa  
Por cujo amor incendiara a aldeia  
Daquelas gentes pálidas de Europa.  
Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto,  
O rosto inda de lágrimas molhado,  
Do coração estas palavras solta:



“— Lá entre os meus, suave e amiga morte,  
Ah! porque me não deste? Houvera ao menos  
Quem escutasse de meus lábios frios  
A prece derradeira; e a santa bênção  
Levaria minha alma aos pés do Eterno...  
Não, não te peço a vida; é tua, extingue-a;  
Um só alívio imploro. Não receies  
Embeber no meu sangue a ervada seta;  
Mata-me, sim; mas leva-me onde eu possa  
Ter em sagrado leito o último sono!”

Disse, e fitando no índio ávidos olhos,  
Esperou. Anajê sacode a fronte,  
Como se lhe pesara idéia triste;  
Crava os olhos no chão; lentas lhe saem  
Estas vozes do peito:

“Oh! nunca os padres  
Pisado houvessem estas plagas virgens!  
Nunca de um deus estranho as leis ignotas  
Viesses perturbar as tribos, como  
Perturba o vento as águas! Rosto a rosto  
Os guerreiros pelejam; matam, morrem.  
Ante o fulgor das armas inimigas  
Não descora o tamoio. Assaz lhe pulsa  
Valor nativo e raro em peito livre.



Armas, deu-lhas Tupã novas e eternas  
Nestas matas vastíssimas. De sangue  
Estranhos rios hão de, ao mar correndo,  
Tristes novas levar à pátria deles,  
Primeiro que o tamoio a frente incline  
Aos inimigos peitos. Outra força,  
Outra e maior nos move a guerra crua;  
São eles, são os padres. Esses mostram  
Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,  
Serenos o rosto e as brancas mãos inermes;  
Ordens não trazem de cacique alheio,  
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma  
As filhas de Tupã correm trás eles,  
Com elas os guerreiros, e com todos  
A nossa antiga fé. Vem perto o dia  
Em que, na imensidão destes desertos,  
Há de ao frio luar das longas noites  
O pajé suspirar sozinho e triste  
Sem povo nem Tupã!”

VI

Silenciosas

Lágrimas lhe espremeu dos olhos negros  
Esta lembrança de futuros males.



“Escuta!” diz Potira. O índio estende  
Imperioso as mãos e assim prossegue:

Também com eles foste, e foi contigo  
Da minha vida a flor! Teu pai mandara,  
E com ele mandou Tupã, que eu fosse  
Teu esposo; vedou-mo a voz dos padres,  
Que me perdeu, levando-te consigo.  
Não morri; vivi só para esta afronta;  
Vivi para esta insólita tristeza  
De maldizer teu nome e as graças tuas,  
Chorar-te a vida e desejar-te a morte.  
Ai! nos rudes combates em que a tribo  
Rega de sangue o chão da virgem terra  
Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado  
Teu nobre vulto esteve. A aldeia toda,  
Mais que o teu coração, ficou deserta.  
Duas vezes, mimosas rebentaram  
Do lacrimoso cajueiro as flores,  
Desde o dia funesto em que deixaste  
A cabana paterna. O extremo lume  
Expirou de teu pai nos olhos tristes;  
Piedosa chama consumiu seus restos,  
E a aldeia toda o lastimou com prantos.  
Não de todo se foi da nossa vida;  
Parte ficou para sentir teus males.



Antes que o último sol à melindrosa  
Flor do maracujá cerrasse as folhas  
Um sonho tive. Merencório vulto,  
Triste como uma fronte de vencido,  
Cor da lua os cabelos venerandos,  
O vulto de teu pai : “Guerreiro (disse),  
Corre à vizinha habitação dos brancos,  
Vai, arranca Potira à lei funesta  
Dos pálidos pajés; Tupã to ordena;  
Nos braços traze a fugitiva corça;  
Vincula o teu destino ao dela; é tua.”

“Impossível! Que vale um vago sonho?  
Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita  
O amor que Deus protege e santifica;  
Mata-me; a minha vida te pertence;  
Ou, se te pesa derramar o sangue  
Daquela a quem amaste, e por quem foste  
Lançar entre os cristãos a dor e o susto,  
Faze-me escrava; servirei contente  
Enquanto a vida alumiar meus olhos.  
Toma, entrego-te o sangue e a liberdade;  
Ordena ou fere. Tua esposa, nunca!”

Calou-se, e reclinada sobre a rede,  
Potira murmurava ignota prece,



Olhos fitos no próximo arvoredor,  
Olhos não ermos de profunda mágoa.

## VII

Ó Cristo! em que alma penetrou teu nome  
Que lhe não desse o bálsamo da vida?  
Pelo vento dos séculos levado,  
Vidente e cego, o máximo dos seres,  
Que fora do homem nesta escassa terra,  
Se ao mistério da vida lhe não desses,  
Ó Cristo! a eterna chave da esperança?  
Filosofia estóica, árdua virtude,  
Criação de homem, tudo passa e expira.  
Tu só, filha de Deus, palavra amiga,  
Tu, suavíssima voz da eternidade,  
Tu perduras, tu vales, tu confortas.  
Neste sonho iriado de outros sonhos,  
Vários como as feições da natureza,  
Nesta confusa agitação da vida,  
Que alma transpõe a derradeira idade  
Farta de algumas passageiras glórias?  
Torvo é o ar do sepulcro; ali não viçam  
Essas cansadas rosas da existência  
Que às vezes tantas lágrimas nos custam,  
E tantas mais antes do ocaso expiram.



Flor do Evangelho, núncia de alvos dias,  
Esperança cristã, não te há murchado  
O vento árido e seco; és tu viçosa  
Quando as da terra lânguidas inclinam  
O seio, e a vida lentamente exalam.  
Esta a consolação última e doce  
Da esposa indiana foi. Cativa ou morta,  
Antevia a celeste recompensa  
Que aos humildes reserva a mão do Eterno.  
Naquele rude coração das brenhas  
A semente evangélica brotara.

## VIII

Das duas condições deu-lhe o guerreiro  
A pior, — fê-la escrava; e ei-la aparece  
Da sua aldeia aos olhos espantados  
Qual fora em dias de melhor ventura.  
Despida vem das roupas que lhe há posto  
Sobre as polidas formas uso estranho,  
Não sabido jamais daqueles povos  
Que a natureza ingênua doutrinara.  
Vence na gentileza às mais da tribo,  
E tem de sobra um sentimento novo,  
Pudor de esposa e de cristã, — realce  
Que ao índio acende a natural volúpia.



Simulada alegria lhe descerra  
Os lábios; riso à flor, escasso e dúbio,  
Que mal lhe encobre as vergonhosas mágoas.  
À voz do seu senhor acorre humilde;  
Não a assusta o labor; nem dos perigos  
Conhece os medos. Nas ruidosas festas,  
Quando ferve o cauim, e o ar atroa  
Pocema de alegria ou de combate,  
Como que se lhe fecha a flor do rosto.  
Já lhe descai então no seio opresso  
A graciosa frente; os olhos fecha,  
E ao céu voltando o pensamento puro,  
Menos por si, que pelos outros pede.  
Nem só o ardor da fé lhe abrasa o peito;  
Lacera-lho também agra saudade;  
Chora a separação do amado esposo,  
Que, ou cedo a esquece, ou solitário geme.  
Se, alguma vez, fugindo a estranhos olhos,  
Não já cruéis, mas cobiçosos dela,  
Entra desatinada o bosque antigo,  
E a dor expande em lóbregos soluços,  
Coo doce nome acorda ao longe os ecos,  
Farta de amor e pródiga de vida,  
Ouve-as a selva, e não lhe entende as mágoas.  
Outras vezes pisando a ruiva areia  
Das praias, ou galgando a penedia



Cujos pés orla o mar de nívea espuma,  
As ondas murmurantes interroga;  
Conta ao vento da noite as dores suas;  
Mas... fiéis ao destino e à lei que as rege,  
As preguiçosas ondas vão caminho,  
Crespas do vento que sussurra e passa.

## IX

Quando, ao sol da manhã, partem às vezes,  
Com seus arcos, os destros caçadores,  
E alguns da rija estaca desatando  
Os nós de embira às rápidas igaras,  
À pesca vão pelas ribeiras próximas,  
Das esposas, das mães que os lares velam,  
Grata alegria os corações inunda,  
Menos o dela, que suspira e geme,  
E não aguarda doce esposo ou filho.  
Triste os vê na partida e no regresso,  
E nessa melancólica postura,  
Semelha a acácia langue e esmorecida,  
Que já de orvalho ou sol não pede os beijos.  
As outras... — Raro em lábios de felizes  
Alheias mágoas travam. Não se pejam  
De seus olhos azuis e alegres penas  
Os saís sobre as árvores pousados,



Se ao perto voa na campina verde  
De anuns lutuoso bando; nem os trilos  
Das andorinhas interrompe a nota  
Que a juriti suspira. — As outras folgam  
Pelo arraial dispersas; vão-se à terra  
Arrancar as raízes nutritivas,  
E fazem os preparos do banquete  
A que hão de vir mais tarde os destemidos  
Senhores do arco, alegres vencedores  
De quanto vive na água e na floresta.  
Da cativa nenhuma inquire as mágoas.  
Contudo, algumas vezes, curiosas  
Virgens lhe dizem, apiedando o gesto:

— “Pois que à taba voltaste, em que teus olhos  
Primeiro viram luz, que mágoa funda  
Lhes destila tão longo e amargo pranto,  
Amargo mais do que esse que não busca  
Recatado silêncio?” — E às doces vozes  
A cristã desterrada assim responde:

— “Potira é como aquela flor que chora  
Lágrimas de alvo leite, se do galho  
Mão cruel a cortou. Oh! não permita  
O céu que ímpia fortuna vos separe  
Daquele que escolherdes. Dor é essa



Maior que um pobre coração de esposa.  
Esperanças... Deixei-as nessas águas  
Que me trouxeram, cúmplices do crime,  
À taba de Tupã, não alumiada  
Da palavra celeste. Algumas vezes,  
Raras, alveja em minha noite escura  
Não sei que tibia aurora, e penso: Acaso  
O sol que vem me guarda um raio amigo,  
Que há de acender nestes cansados olhos  
Ventura que já foi. As asas colhe  
Guanumbi, e o aguçado bico embebe  
No tronco, onde repousa adormecido  
Até que volte uma estação de flores.  
Ventura imita o guanumbi dos campos:  
Acordará coas flores de outros dias.  
Doce ilusão que rápido se escoo,  
Como o pingo de orvalho mal fechado  
Numa folha que o vento agita e entorna”.  
E as virgens dizem, apiedando o gesto:  
— “Potira é como aquela flor que chora  
Lágrimas de alvo leite, se do galho  
Mão cruel a cortou!”

X

Era chegando



O fatal prazo, o desenlace triste.  
Tudo morre, — a tristeza como o gozo;  
Rosas de amor ou lírios de saudade,  
Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.  
Costeando as longas praias, ou transpondo  
Extensos vales e montanhas, correm  
Mensageiros que às tabas mais vizinhas  
Vão convidar à festa as gentes todas.  
Era a festa da morte. Índio guerreiro,  
Três luas há cativo, o instante aguarda  
Em que às mãos de inimigos vencedores,  
Caia expirante, e os vínculos rompendo  
Da vida, a alma remonte além dos Andes.  
Corre de boca em boca e de eco em eco  
A alegre nova. Vem descendo os montes,  
Ou abicando às povoadas praias  
Gente da raça ilustre. A onda imensa  
Pelo arraial se estende pressurosa.  
De quantas cores natureza fértil  
Tinge as próprias feições, copiam eles  
Engraçadas, vistosas louçanias.  
Vários na idade são, vários no aspecto,  
Todos iguais e irmãos no herdado brio.  
Dado o amplexo de amigo, acompanhado  
De suspiros e pêsames sinceros  
Pelas fadigas da viagem longa,



Rompem ruidosas danças. Ao tamoio  
Deu o Ibaque os segredos da poesia;  
Cantos festivos, moduladas vozes,  
Enchem os ares, celebrando a festa  
Do sacrifício próximo. Ah! não cubra  
Véu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos  
Destes polidos tempos! Rudes eram  
Aqueles homens de ásperos costumes,  
Que ante o sangue de irmãos folgavam livres,  
E nós, soberbos filhos de outra idade,  
Que a voz falamos da razão severa  
E na luz nos banhamos do Calvário,  
Que somos nós mais que eles? Raça triste  
De Cains, raça eterna...

## XI

Os cantos cessam.

Calou-se o maracá. As roucas vozes  
Dos férvidos guerreiros já reclamam  
O brutal sacrifício. Às mãos das servas  
A taça do cauim passara exausta.  
Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.  
Da nação guaianás nos rudes campos  
Nasceu. Nos campos da saudosa pátria



Industriosa mão não sabe ainda  
Alevantar as tabas. Cova funda  
Da terra, mãe comum, no seio aberta,  
Os acolhe e protege. O chão lhes forra  
A pele do tapir; contínua chama  
Lhes supre a luz do sol. É uso antigo  
Do guaianás que chega a extrema idade,  
Ou de mortal doença acometido,  
Não expirar aos olhos de outros homens;  
Vivo o guardam no bojo da igaçaba,  
E à fria terra o dão, como se fora  
Pasto melhor (melhor!) aos frios vermes.  
Do almo, doce licor que extrai das flores  
Mãe do mel, iramaia, larga cópia  
Pelos robustos membros lhe coaram  
Seis anciãs da tribo. Rubras penas  
Na vasta frente e nos nervosos braços  
Garridamente o enfeitam. Longa e forte  
A muçurana os rins lhe cinge e aperta.  
Entra na praça o fúnebre cortejo.  
Olhar tranqüilo, inda que fero, espalha  
O indomado cativo. Em pé, defronte,  
Grave, silencioso, ao sol mostrando  
De feias cores e vistosas plumas  
Singular harmonia, aguarda a vítima  
O executor. Nas mãos lhe pende a enorme



Tagapema enfeitada, arma certa,  
Arma triunfal de morte e de extermínio.  
Medem-se rosto a rosto os dois contrários  
Cum sorriso feroz. Confusas vozes  
Enchem súbito o espaço. Não lhe é dado  
Ao vencido guerreiro haver a morte  
Silenciosa e triste em que se passa  
Da curva rede à fria sepultura.  
Meigas aves que vão de um clima a outro  
Abrem placidamente as asas leves,  
Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,  
Tu combate! Vencido e vencedores  
Derradeiros escárnios se arremessam;  
Gritos, injúrias, convulsões de raiva,  
Vivo clamor acorda os longos ecos  
Das penedias próximas. A clava  
Do executor girou no ar três vezes  
E de leve caiu na grossa espádua  
Do arquejante cativo. Já na boca  
Que o desprezo e o furor num riso entreabrem,  
Orla de espuma alveja. Avança, corre,  
Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço  
A muçurana, cujas pontas tiram  
Dois mancebos robustos. Nas cavernas  
Do longo peito lhe murmura o ódio,  
Surdo, como o rumor da terra inquieta,



Pejada de vulcões. Os lábios morde,  
E, como derradeira injúria, à face  
Do executor lhe cospe espuma e sangue.  
Não vibra o arco mais veloz o tiro,  
Nem mais segura no aterrado cervo  
Feroz sucuriúba os nós enrosca,  
Do que a pesada, enorme tagapema  
A cabeça de um golpe lhe esmigalha.  
Cai fulminada a vítima na terra,  
E alegre o povo longamente aplaude.

## XII

Na voz universal perdeu-se um grito  
De piedade e terror: tão fundo entrara  
Naquela alma roubada à noite escura  
Raio de sol cristão! Potira foge,  
Pelos bosques atônita se entranha  
E pára à margem de um pequeno rio;  
Pousa na relva os trêmulos joelhos  
E nas mimosas mãos esconde o rosto.  
Não de lágrimas era aquele sítio  
Ou só de doces lágrimas choradas  
De olhos que amor venceu: — macia relva,  
Leito de sesta a amores fugitivos.  
Da verde, rara abóbada de folhas



Tépida e doce a luz coava a frouxo  
Do sol, que, além das árvores, tranqüilo,  
Metade da jornada ia transpondo.  
Longe era ainda a hora melancólica  
Em que a jurema cerra a miúda folha,  
E o lume azul o pirilampo acende.  
De pé, a um velho tronco descoroadado  
Da copada ramagem, resto apenas,  
Vestígio do tufão, a indiana moça  
Languidamente encosta o esbelto corpo.  
Neste ameno recesso tudo é triste,  
Porque é alegre tudo. Não mui longe  
Um desfolhado ipê conserva e guarda  
Flores que lhe ficaram de outro estio,  
Como esperança de folhagem nova,  
Flores que a desventura lhe há negado,  
A ela, alma esquecida nesta terra,  
Que nada espera da estação vindoura.  
Olha, e de inveja o coração lhe estala.  
Pelo tronco das árvores se enroscam  
Parasitas, esposas do arvoredado,  
Mais fiéis não, mais venturosas que ela.  
Morrer? Descanso fora às mágoas suas,  
Mais que descanso, perdurável gozo,  
Que a nossa eterna pátria aos infelizes  
Deste desterro guarda alvas capelas



De não murchandas e cheirosas flores.  
Tal lhe falava no íntimo do peito  
Desespero cruel. Alguns instantes  
Pela cansada mente lhe vagaram  
De voluntária, abreviada morte,  
Lutuosas idéias. Mal compreende  
Esses desmaios da criatura humana  
Quem não sentiu no coração rasgado  
Abatimento e enojo; ou, mais do que isto,  
Esse contraste imenso e irreparável  
Do amor interno e a solidão da vida.  
Rápido espaço foi. Pronto lhe volve  
Doce resignação, cristã virtude,  
Que desafia e que assoberba os males.  
As débeis mãos levanta. Já dos lábios  
Solta nas asas de oração singela  
Lástimas suas... Na folhagem seca  
Ouve de cautos pés rumor sumido,  
Volve a cabeça...

### XIII

Trêmulo, calado,  
Anajê crava nela os olhos turvos  
Dos vapores da festa. As mãos inermes  
Lhe pendem; mas o peito — ó mísera! — esse,



Esse de mal contido amor transborda.  
Longo instante passou. Alfim: “Deixaste  
A festa nossa (o bárbaro murmura);  
Misteriosa vieste. Dos guerreiros  
Nenhum te viu; mas eu senti teus passos,  
E vim contigo ao ermo. Ave mesquinha,  
Inútil foges; gavião te espreita,  
Minha te fez Tupã.” Em pé, sorrindo,  
Escutava Potira a voz severa  
De Anajê. Breve espaço abria entre ambos  
Alcatifado chão. A fatal hora  
Chegara ao fim? Não o perscruta a moça;  
Tudo aceita das mãos do seu destino,  
Tudo, exceto... No próximo arvoredos  
Ouve de uma ave o pio melancólico;  
Era a voz de seu pai? a voz do esposo?  
De ambos talvez. No ânimo da escrava  
Restos havia dessa crença antiga  
Antiga e sempre nova: o peito humano  
Raro de obscuros elos se liberta.

#### XIV

— “Nascestes para ser senhora e dona:  
Anajê não te veda a liberdade;  
Quebra tu mesma os nós do cativoiro.



Faze-te esposa. Vem coroar meus dias;  
Vem, tudo esqueço. A fronte do guerreiro,  
Adornada por ti, será mais nobre;  
Mais forte o braço em que pousar teu rosto.  
Sou menos belo que esse esposo ausente?  
Rudes feições compensa amor sobejo.  
Vem; ver-me-ás companheira nos combates,  
E, se inimiga frecha entrar meu seio,  
Morrerei a teus pés. Tens medo aos padres?  
Outro destino escolhe. Cauteloso,  
Tece o japu nos elevados ramos  
Das elevadas árvores o ninho,  
Onde o inimigo lhe não roube a prole.  
Ninho há na serra ao nosso amor propício;  
Viveremos ali. Troveje em baixo  
A inúbia convidando à guerra os povos;  
Leva de arcos transforme estas aldeias  
Em campos de combate, — ou já dispersas  
As fugitivas tribos vão buscando  
Longes sertões para chorar seus males,  
Viveremos ali. Talvez, um dia,  
Quando eu passar à misteriosa estância  
Das delícias eternas, me pergunte  
Meu velho pai: — “Teu arco de guerreiro  
Em que deserta praia o abandonaste?”  
Salvar-me-á teu amor do eterno pejo.”



## XV

Doce era a voz e triste. Rasos d'água  
Os olhos. Foi desmaio de tristeza  
Que o gesto dissipou da esquiva moça.  
Volve ao Tamoio vingativa idéia.  
— “Minha (diz ele) ou morres!” Estremece  
Potira, como quando a brisa passa  
Ao de leve na folha da palmeira,  
E logo fria ao bárbaro responde:  
— “Jaz esquecido em nossas velhas tabas  
O respeito da esposa? Acaso é digna  
Do sangue do Tamoio esta ameaça?  
Que desvalia aos olhos teus me coube,  
Se a outro me ligaram natureza,  
Religião, destino? A liberdade  
Nas tuas mãos depus; com ela a vida.  
É tudo, quase tudo. Honra de esposa,  
Oh! essa debes respeitá-la! Vai-te!  
Ceva teu ódio nas sangrentas carnes  
Do prostrado cativo. Aqui chorando,  
Na solidão destes bosques mal fechados,  
Às maviosas brisas meus suspiros  
Entregarei; levá-los-ão nas asas  
Lá onde geme solitário o esposo.



Vai-te!”

E as mimosas mãos colhendo ao rosto,  
Alçou a Deus o pensamento amante,  
Como a centelha viva que a fogueira  
Extinta aos ares sobe. Imóvel, muda,  
Longo tempo ficou. Diante dela,  
Como ela imóvel, o tamoio estava.  
Amor, ódio, ciúme, orgulho, pena,  
Opostos sentimentos se combatem  
No atribulado peito. Generoso  
Era, mas não domado amor lhe dava  
Inspiração de crimes. Não mais pronto  
Cai sobre a triste corça fugitiva  
Jaguar de longa fome esporeado,  
Do que ele as mãos lançou ao colo e à frente  
Da mísera Potira. Ai! não, não diga  
A minha voz o lamentoso instante  
Em que ela, ao seu algoz volvendo ansiosa  
Turvos olhos: “Perdôo-te!” murmura,  
Os lábios cerra e imaculada expira!

XVI

Estro maior teu nome obscuro cante,  
Moça cristã das solidões antigas,  
E eterno o cinja de virentes flores,



Que as mereces. De não sabido bardo  
Estes gemidos são. Lânguidas brisas  
No taquaral à noite sussurrando,  
Ou enrugando o mole dorso às vagas,  
Não tem a voz com que domina os ecos  
Despenhada cachoeira. São, contudo,  
Mas que débeis e tristes, no concerto  
Da orquestra universal cabidas notas.  
Alveja a nebulosa entre as estrelas,  
E abre ao pé do rosal a flor da murta.

NIÂNI

(HISTÓRIA GUAICURU)

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram três meses, quando um dia, estando deitada na sua rústica cama, lhe deram a notícia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esfera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno índio que era seu cativo, e diz-lhe na presença de vários antecris: “És meu cativo; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás toda a vida Panenioxé”.

F. RODRIGUES PRADO, Hist. dos Índios Cavaleiros.



...che piange  
Vedova sola.

DANTE

I  
Contam-se histórias antigas  
    Pelas terras de além-mar,  
De moças e de princesas,  
    Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n'alma  
    E a vida sói acabar,  
Amor é de todo o clima,  
    Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas  
    Aonde habita o jaguar,  
Nas margens dos grandes rios  
    Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso  
    De muito penalizar,  
Tão triste como os que contam



Pelas terras de além-mar.

## II

Cabana que esteira cobre  
De junco trançado a mão,  
Que agitação vai por ela!  
Que ledas horas lhe vão!

Panenioxe é guerreiro  
Da velha, dura nação.  
Caiavaba há já sentido  
A sua lança e facão.

Vem de longe, chega à porta  
Do afamado capitão;  
Deixa a lança e o cavalo,  
Entra com seu coração.

A noiva que ele lhe guarda  
Moça é de nobre feição,  
Airosa como ágil corça  
Que corre pelo sertão.

Amores eram nascidos  
Naquela tenra estação



Em que a flor que há de ser flor  
Inda se fecha em botão.

Muitos agora lhe querem,  
E muitos que fortes são;  
Niâni ao melhor deles  
Não dera o seu coração.

Casá-los agora, é tempo;  
Casá-los, nobre ancião!  
Limpo sangue tem o noivo,  
Que é filho de capitão.

### III

“— Traze a minha lança, escravo,  
Que tanto peito abateu;  
Traze aqui o meu cavalo  
Que largos campos correu”.

“— Lança tens e tens cavalo  
Que meu velho pai te deu;  
Mas aonde te vais agora  
Onde vais, esposo meu?”

“— Vou-me à caça, junto à cova



Onde a onça se meteu...”

“— Montada no meu cavalo  
Vou contigo, esposo meu.”

“— Vou-me às ribas do Escopil,  
Que a minha lança varreu...”

“— Irei pelejar na guerra,  
A teu lado, esposo meu.”

“— Fica-te aí na cabana  
Onde o meu amor nasceu.”

“— Melhor não haver nascido  
Se já de todo morreu”.

E uma lágrima, — a primeira  
De muitas que ela verteu, —  
Pela face cobreada  
Lenta, lenta lhe correu.

Enxugá-la, não a enxuga  
O esposo que já perdeu,  
Que ele no chão fita os olhos,  
Como que a voz lhe morreu.

Traz o escravo o seu cavalo  
Que o velho sogro lhe deu;



Traz-lhe mais a sua lança  
Que tanto peito abateu.

Então, recobrando a alma,  
Que o remorso esmoreceu,  
Com esta dura palavra  
À esposa lhe respondeu:

“— A bocaiúva três vezes  
No tronco amadureceu,  
Desde o dia em que o guerreiro  
Sua esposa recebeu.

Três vezes! Amor sobejo  
Nossa vida toda encheu.  
Fastio me entrou no seio,  
Fastio que me perdeu.”

E pulando no cavalo,  
Sumiu-se... desapareceu...  
Pobre moça sem marido,  
Chora o amor que lhe morreu!

#### IV

Leva o Paraguai as águas,



Leva-as no mesmo correr,  
E as aves descem ao campo  
Como usavam de descer.

Tenras flores, que outro tempo  
Costumavam de nascer,  
Nascem; vivem de igual vida;  
Morrem do mesmo morrer.

Niâni, pobre viúva,  
Viúva sem bem o ser,  
Tanta lágrima chorada  
Já te não pode valer.

Olhos que amor desmaiara  
De um desmaiar que é viver,  
O choro empana-os agora,  
Como que vão fenecer.

Corpo que fora robusto  
No seu cavalo a correr,  
De contínua dor quebrado  
Mal se pode já suster.

Colar de prata não usa,  
Como usava de trazer;



Pulseiras de finas contas  
Todas as veio a romper.

Que ela, se nada há mudado  
Daquele eterno viver,  
Com que a natureza sabe  
Renascer, permanecer,

Toda é outra; a alma lhe morre,  
Mas de um contínuo morrer,  
E não há mágoa mais triste  
De quantas podem doer.

Os que outrora a desejavam,  
Antes dela mal haver,  
Vendo que chora e padece,  
Rindo se põem a dizer:

“— Remador vai na canoa,  
Canoa vai a descer...  
Piranha espiou do fundo  
Piranha, que o vai comer.

Ninguém se fie da brasa  
Que os olhos vêem arder,  
Serenos que cai de noite



Há de fazê-la morrer.

Panenioxe, Panenioxe,  
Não lhe sabias querer.  
Quem te pagara esse golpe  
Que lhe vieste fazer!”

V

Um dia, — era sobre tarde,  
Ia-se o sol a afundar;  
Calumbi cerrava as folhas  
Para melhor as guardar.

Vem cavaleiro de longe  
E à porta vai apear.  
Traz o rosto carregado,  
Como a noite sem luar.

Chega-se à pobre da moça  
E assim começa a falar:  
“— Guaicuru dói-lhe no peito  
Tristeza de envergonhar.

Esposo que te há fugido  
Hoje se vai a casar;



Noiva não é de alto sangue,  
Porém de sangue vulgar”.

Ergue-se a moça de um pulo,  
Arrebatada, e no olhar  
Rebenta-lhe uma faísca  
Como de luz a expirar.

Menino escravo que tinha  
Acerta de ali passar;  
Niâni atentando nele  
Chama-o para o seu lugar.

“— Cativo és tu; serás livre,  
Mas vais o nome trocar;  
Nome avesso te puseram...  
Panenioxe há de ficar.”

Pela face cobreada  
Desce, desce com vagar  
Uma lágrima: era a última  
Que lhe restava chorar.

Longo tempo ali ficara,  
Sem se mover nem falar;  
Os que a vêem naquela mágoa



Nem ousam de a consolar.

Depois um longo suspiro,  
E ia a moça a expirar...  
O sol de todo morria  
E enegrecia-se o ar.

Pintam-na de vivas cores,  
E lhe lançam um colar;  
Em fina esteira de junco  
Logo a vão amortalhar.

O triste pai suspirando  
Nos braços a vai tomar,  
Deita-a sobre o seu cavalo  
E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora  
Justo lhe era descansar,  
Que pagou foro da vida  
Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores  
Aonde habita o jaguar,  
Como as princesas morriam  
Pelas terras de além-mar.



## A CRISTÃ-NOVA

...essa mesma foi levada  
cativa para uma terra estranha.

NAUM, cap. III, v. 10

### PARTE I

#### I

Olhos fitos no céu, sentado à porta,  
O velho pai estava. Um luar frouxo  
Vinha beijar-lhe a veneranda barba  
Alva e longa, que o peito lhe cobria,  
Como a névoa na encosta da montanha  
Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,  
E silenciosa: a praia era deserta,  
Ouvia-se o bater pausado e longo  
Da sonolenta vaga, — único e triste  
Som que a mudez quebrava à natureza.

#### II



Assim talvez nas solidões sombrias  
Da velha Palestina  
Um profeta no espírito volvera  
As desgraças da pátria. Quão remota  
Aquele de seus pais sagrada terra,  
Quão diferente desta em que há vivido  
Os seus dias melhores! Vago e doce,  
Este luar não alumia os serros  
Estéreis, nem as últimas ruínas,  
Nem as ermas planícies, nem aquele  
Morno silêncio da região que fora  
E que a história de todo amortilhara.  
Ó torrentes antigas! águas santas  
De Cedron! Já talvez o sol que passa,  
E vê nascer e vê morrer as flores,  
Todas no leito vos secou, enquanto  
Estas murmuram plácidas e cheias,  
E vão contando às deleitosas praias  
Esperanças futuras. Longo e longo  
O devolver dos séculos  
Será, primeiro que a memória do homem  
Teça a mortalha fria  
Da região que inda tinge o albor da aurora.

III Talvez, talvez no espírito fechado  
Do ancião vagueavam lentamente



Estas idéias tristes. Junto à praia  
Era a austera mansão, donde se via  
Desenrolarem-se as serenas vagas  
Do nosso golfo azul. Não a enfeitavam  
As galas da opulência, nem os olhos  
Entristecia coo medonho aspecto  
Da miséria; não pródiga nem surda  
A fortuna lhe fora, mas aquela  
Mediana sóbria, que os desejos  
Contenta do filósofo, lhe havia  
Dourado os tetos. Guanabara ainda  
Não era a flor aberta  
Da nossa idade; era botão apenas,  
Que rompia do hastil, nascido à beira  
De suas ondas mansas. Simples e rude,  
Ia brotando a juvenil cidade,  
Nestas incultas terras, que a lembrança  
Recordava talvez do antigo povo,  
E o guau alegre, e as ríspidas pelejas,  
Toda essa vida que morreu.

#### IV

##### Sentada

Aos pés do velho estava a amada filha,  
Bela como a açucena dos Cantares,



Como a rosa dos campos. A cabeça  
Nos joelhos do pai reclina a moça,  
E deixa resvalar o pensamento  
Rio abaixo das longas esperanças  
E namorados sonhos. Negros olhos  
Por entre os mal fechados  
Cílios estende à serra que recorta  
Ao longe o céu. Morena é a face linda  
E levemente pálida. Mais bela,  
Nem mais suave era a formosa Rute  
Ante o rico Booz, do que essa virgem,  
Flor que Israel brotou do antigo tronco,  
Corada ao sol da juvenil América.

V

Mudos viam correr aquelas horas  
Da noite, os dois: ele voltando o rosto  
Ao passado, ela os olhos ao futuro.  
Cansam-lhe enfim ao pensamento as asas  
De ir voando, através da espessa treva,  
Frouxas as colhe, e desce ao campo exíguo  
Da realidade. A delicada virgem  
Primeiro volve a si; os lindos dedos  
Corre-lhe ao longo da nevada barba,  
E: “— Pai amigo, que pensar vos leva



Tão longe a alma?” Estremecendo o velho:  
— “Curiosa! — lhe disse, — o pensamento  
É como as aves passageiras: voa  
A buscar melhor clima. — Oposto rumo  
Ias tu, alma em flor, aberta apenas,  
Tão longe ainda do calor da sesta,  
Tão remota da noite... Uma esperança  
Te sorria talvez? Talvez, quem sabe,  
Uns namorados olhos que me roubem,  
Que te levem... Não cores, filha minha!  
Esquecimento, não; lembrança ao menos  
Ficar-te-á do paterno afeto; e um dia,  
Quando eu na terra descansar meus ossos,  
Haverás doce bálsamo no seio  
Da afeição juvenil... Sim; não te acuso;  
Ama: é a lei da natureza, eterna!  
Ama: um homem será da nossa raça...”

## VI

Estas palavras tais ouvindo a moça,  
Turbada os olhos descaiu na terra,  
E algum tempo ficou calada e triste,  
Como no azul do céu o astro da noite,  
Se uma nuvem lhe empana a meio a face.  
Súbito a voz e o rosto alevantando,



Com dissimulação, — pecado embora,  
Mas inocente: — “Olhai, a noite é linda!  
O vento encrespa molemente as ondas,  
E o céu é todo azul e todo estrelas!  
Formosa, oh! quão formosa a terra minha!  
Dizei: além desses compridos serros,  
Além daquele mar, à orla de outros,  
Outras como esta vivem?”

## VII

Fresca e pura

Era-lhe a voz, voz d’alma que sabia  
Entrar no coração paterno. A fronte  
Inclina o velho sobre o rosto amado  
De Ângela. — Na cabeça ósculo santo  
Imprime à filha; e suspirando, os olhos  
Melancolicamente ao ar levanta,

Desce-os e assim murmura:

“Vaso é digno de ti, lírio dos vales,  
Terra solene e bela. A natureza  
Aqui pomposa, compassiva e grande,  
No regaço recebe a alma que chora  
E o coração que tímido suspira.  
Contudo, a sombra pesarosa e errante  
Do povo que acabou pranteia ainda



Ao longo das areias,  
Onde o mar bate, ou no cerrado bosque  
Inda povoado das relíquias suas,  
Que o nome de Tupã confessar podem  
No próprio templo augusto. Última e forte  
Consolação é esta do vencido  
Que viu tudo perder-se no passado,  
E único salva do naufrágio imenso  
O seu Deus. Pátria não. Uma há na terra  
Que eu nunca vi... Hoje é ruína tudo,  
E viuvez e morte. Um tempo, entanto,  
Bela e forte ela foi; mas longe, longe  
Os dias vão da fortaleza e glória  
Escoados de todo como as águas  
Que não volvem jamais. Óleo que a unge,  
Finas telas que a vestem, atavios  
De ouro e prata que o colo e os braços lhe ornem,  
E a flor de trigo e mel de que se nutre,  
Sonhos, são sonhos do profeta. É morta  
Jerusalém! Oh! quem lhe dera os dias  
Da passada grandeza, quando a planta  
Da senhora das gentes sobre o peito  
Pousava dos vencidos, quando o nome  
Do que há salvo Israel, Moisés”.

“— Não! Cristo,  
Filho de Deus! Só ele há salvo os homens!”



Isto dizendo, a delicada virgem  
As mãos postas ergueu. Uma palavra  
Não disse mais; no coração, entanto,  
Murmurava uma prece silenciosa,  
Ardente e viva, como a fé que a anima  
Ou como a luz da alâmpada  
A que não faltou óleo.

## VIII

### Taciturno

Esteve longo tempo o ancião. Aquela  
Alma infeliz nem toda era de  
Cristo Nem toda de Moisés; ouvia atento  
A palavra da Lei, como nos dias  
Do eleito povo; mas a doce nota  
Do Evangelho não raro lhe batia  
    No alvoroçado peito,  
Soleníssima e pura... Descambava  
No entanto a lua. A noite era mais linda,  
E mais augusta a solidão. Na alcova  
Entre a pálida moça. Da parede  
Um Cristo pende; ela os joelhos dobra,  
Os dedos cruza e reza, — não serena,  
Nem alegre também, como costuma,



Mas a tremer-lhe nos formosos olhos  
Uma lágrima.

## IX

### A lâmpada acendida

Sobre a mesa do velho, as largas folhas  
Alumia de um livro. O máximo era  
Dos livros todos. A escolhida lauda  
Era a do canto dos cativos que iam  
Pelas ribas do Eufrates, relembrando  
As desgraças da pátria. A sós, com eles,  
Suspira o velho aquele salmo antigo:

Junto os rios da terra amaldiçoada  
De Babilônia, um dia nos sentamos,  
Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,  
E ao relembrarmos os extintos dias  
As lágrimas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias  
De cativo, ali nos perguntavam  
Pelas nossas antigas harmonias.



E dizíamos nós aos que falavam:

“Como em terra de exílio amargo e duro  
Cantar os hinos que ao Senhor louvavam?”

Jerusalém, se inda num sol futuro,  
Eu desviar de ti meu pensamento  
E teu nome entregar a olvido escuro,

A minha destra a frio esquecimento  
Votada seja; apegue-se à garganta  
Esta língua infiel, se um só momento

Me não lembrar de ti, se a grande e santa  
Jerusalém não for minha alegria  
Melhor no meio de miséria tanta.

Oh! lembra-lhes, Senhor, aquele dia  
Da abatida Sião, lembra-lho aos duros  
Filhos de Edom, e à voz que ali dizia:

Arruinai-a, arruinai-a; os muros  
Arrasemo-los todos; só lhe baste  
Um montão de destroços mal seguros.”

Filha de Babilônia, que pecaste,  
Abençoado o que se houver contigo



Com a mesma opressão que nos mostraste!

Abençoado o bárbaro inimigo  
Que os tenros filhos teus às mãos tomando,  
Os for, por teu justíssimo castigo,  
Contra um duro penedo esmigalhando!

## PARTE II

### I

Era naquela doce e amável hora  
Em que vem branqueando a alva celeste,  
Quando parece que remoça a vida  
E toda se espreguiça a natureza.  
Alva neblina que espalhara a noite  
Frouxamente nos ares se dissolve,  
    Como de uns olhos tristes  
Foge coo tempo a já ligeira sombra  
De consoladas mágoas. Vida é tudo.  
E pompa e graça natural da terra,  
    Mas que não seja no ermo,  
Onde seus olhos rútilos espraia  
Livres a aurora, sem tocar vestígios  
De obras caducas do homem, onde as águas  
Do rio bebe a fugitiva corça,



Vivo aroma nos ares se difunde,  
E aves, e aves de infinitas cores  
Voando vão e revoando tornam,  
Inda senhoras da amplidão que é sua.  
Donde as há de fugir o homem um dia  
Quando a agreste solidão entrar o passo  
Criador que derruba. Já de todo  
Nado era o sol; e à viva luz que inunda  
Estes meus pátrios morros e estas praias,

Sorrindo a terra moça

Noiva parece que o virgíneo seio  
Entrega ao beijo nupcial do amado.  
E há de os fúnebres véus lançar a morte  
Na verdura do campo? A natureza  
A nota vibrará da extrema angústia  
Neste festivo cântico de graças  
Ao sol que nasce, ao Criador que o envia,  
Como renovação de juventude?

## II

Coava o sol pela miúda e fina  
Gelosia da alcova em que se apresta  
A recente cristã. Singelas roupas  
Traja da ingênua cor que a natureza  
Pintou nas plumas que primeiro brota



O seu pátrio guará. Vínculo frouxo  
Mal lhe segura a luzidia trança,  
    Como ao desdém lançada  
Sobre a espádua gentil. Jóia nenhuma,  
Mais que seus olhos meigos, e essa doce  
Modéstia natural, encanto, enlevo,  
Casta flor que aborrece os mimos do horto,  
E ama livre nascer no campo, à larga,  
Rústica, mas formosa. Não lhe ensombram  
As tristezas da véspera o semblante,  
Nem da secreta lágrima na face  
Ficou vestígio, — Descuidosa e alegre,  
Ri-se, murmura uma cantiga, ou pensa,  
E repete baixinho um nome... Oh! se ele  
Espreité-la pudesse ali risonha,  
A sós consigo, entre o seu Cristo e as flores  
Colhidas ao tombar da extinta noite,  
E vicejantes inda!

### III

De repente,  
Aos ouvidos da moça enamorada  
Chega um surdo rumor de soltas vozes,  
Que ora crescendo vai, ora se apaga,  
Estranho, desusado. Eram... São eles,



Os franceses, que vêm de longes praias  
A cobiçar a pérola mimosa,  
Niterói, na alva-azul concha nascida  
De suas águas recatadas. Rege  
O atrevido Duclerc a flor dos nobres,  
Cuja tez branca requeimara o fogo  
Que o vivo sol dos trópicos dardeja,  
E a lufada dos ventos do oceano.  
Cobiçam-te eles, minha terra amada,  
Como quando nas faixas sempre-verdes  
Eras envolta; e rude, inda que belo,  
O aspecto havias que poliu mais tarde  
A clara mão do tempo. Inda repetem  
Os ecos do recôncavo os suspiros  
Dos que vieram a buscar a morte,  
E a receberam dos varões possantes  
Companheiros de Estácio. A todos eles,  
Prole de Luso ou geração da Gália,  
Cativara-os a náíade escondida,  
E o sol os viu travados nessa longa  
E sangrenta porfia, cujo prêmio  
Era teu verde, cândido regaço.  
Triunfara o trabuco lusitano  
Naquele extinto século. Vencido,  
O pavilhão francês vovera à pátria,  
Pela água arrastando o longo crepe



De suas tristes, mortas esperanças,  
Que vento novo o desfraldou nos ares?

#### IV

Ângela ouvira as vozes da cidade,  
As vozes do furor. Já receosa,  
Trêmula, foge à alcova e se encaminha  
À câmara paterna. Ia transpondo  
A franqueada porta... e pára. O peito  
Rompe-lhe quase o coração, — tamanho  
É o palpar, um palpar de gosto,  
De surpresa e de susto. Aqueles olhos,  
Aquele graça máscula do gesto,  
Graça e olhos são dele, o amado noivo,  
Que entre os mais homens elegeu sua alma  
Para o vínculo eterno... Sim, que a morte  
Pode arrancar ao seio humano o alento  
Último e derradeiro; os que deveras  
Unidos foram, volverão unidos  
A mergulhar na eternidade. Estava  
Junto do velho pai o gentil moço,  
Ele todo agitado, o ancião sombrio,  
Calados ambos. A atitude de ambos,  
O misterioso, gélido silêncio,  
Mais que tudo, a presença nunca usada



Daquele homem ali, que mal a espreita  
De longe e a furto, nos instantes breves  
Em que lhe é dado vê-la, tudo à moça  
O ânimo abala e o coração enfia.

V

Mas o tropel de fora avulta e cresce  
E os três acorda. A virgem, lentamente,  
Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço  
Que dos dois a separa... O tenro colo  
Curva ante o pai, e na enrugada destra  
O ósculo imprime, herdada usança antiga  
De filial respeito. As mãos lhe toma  
Enternecido o velho; olhos com olhos  
Alguns instantes rápidos ficaram,  
Até que ele, voltando o rosto ao moço:  
“— Perdoai, — disse, — se o paterno afeto  
Me atou a língua. Vacilar é justo  
Quando à pobre ruína a flor lhe pedem  
Que única lhe nasceu, — única adorna  
A aridez melancólica do extremo,  
Pálido sol... Não protesteis! Roubá-la,  
Arrancá-la aos meus últimos instantes,  
Não o fareis decerto. Pouco importa  
Dês que a metade lhe levais da vida,



Dês que seu coração, convosco parte  
Afeições minhas. — Ao demais, o sangue  
Que lhe corre nas veias, condenado,  
Nuno, será dos vossos...” Longo e frio  
Olhar estas palavras acompanha,  
Como a arrancar-lhe o pensamento interno.  
A donzela estremece. Nuno o alento  
Recobra e fala: “Puro sangue é ele,  
Se lhe corre nas veias. Tão mimosa,  
Cândida criatura, alma tão casta,  
Inda nascida entre os incréus da Arábia,  
Deus a votara à conversão e à vida  
Dos eleitos do céu. Águas sagradas  
Que a lavaram no berço, já nas veias  
O sangue velho e impuro lhe trocaram  
Pelo sangue de Cristo...”

## VI

Neste instante  
Cresce o tumulto exterior. A virgem  
Medrosa toda se conchega ao colo  
Do velho pai. “Ouis? Falai! é tempo!  
Nuno prossegue. Este comum perigo  
Chama os varões à ríspida batalha;  
Com eles vou. Se um galardão, entanto,



Merecer de meus feitos, não à pátria  
Irei pedi-lo; só de vós o espero,  
Não o melhor, mas o único na terra,  
Que a minha vida...” Rematar não pôde  
Esta palavra. Ao escutar-lhe a nova  
Da iminente peleja  
E a decisão de combater por ela,  
Inteiras sente as forças que se perdem  
A donzela, e bem como ao rijo vento  
Inclina o colo o arbusto  
Nos braços desmaiou do pai. Volvida  
A si, na palidez do rosto o velho  
Atenta um pouco, e suspirando: “As armas  
Empunhai; combatei; Ângela é vossa.  
Não de mim a haveis: ela a si mesma  
Toda nas vossas mãos se entrega. Morta  
Ou feliz é a escolha; não vacilo:  
Seja feliz, e folgarei com ela...”

## VII

Sobre a fronte dos dois as mãos impondo,  
Ao seio os conchegou, bem como a tenda  
Do patriarca santo agasalhava  
O moço Isaac e a delicada virgem  
Que entre os rios nasceu. Delicioso



E solene era o quadro; mas solene  
E delicioso embora, ia esvair-se  
Qual celeste visão, que acende a espaços  
O ânimo do infeliz. A guerra, a dura  
Necessidade de imolar os homens,  
Por salvar homens, a terrível guerra  
Corta o amoroso vínculo que os prende  
E à moça o riso lhe converte em lágrimas.  
Mísera és tu, pálida flor; mas sofre  
Que o calor deste sol te acurve o cálix,  
Morta, não, nem já murcha, — mas apenas  
Como cansada de queimor do estio.  
Sofre; a tarde virá serena e branda  
A reviver-te o alento; a fresca noite  
Choverá sobre ti piedoso orvalho  
E mais risonha surgirás à aurora.

### VIII

Foge à estância da paz o ardido moço;  
Esperança, fortuna, amor e pátria  
A guerrear o levam. Já nas veias  
O vivo sangue irrequieto pulsa,  
Como ansioso de correr por ambas,  
A bela terra e a suspirada noiva.  
Triste quadro a seus olhos se apresenta;



Nos femininos rostos vê pintados  
Incerteza e terror; lamentos, gritos  
Soam de entorno. Voam pelas ruas  
Homens de guerra; homens de paz se aprestam  
Para a crua peleja; e, ou nobre estância,  
Ou choupana rasteira, armado é tudo  
Contra a forte invasão. Nem lá se deixa  
Quieto, a sós com Deus, na estreita cela,  
O solitário monge que às batalhas  
Fugiu da vida. O patrimônio santo  
Cumpre salvá-lo. Cruz e espada empunha,  
Deixa a serena região da prece  
E voa ao torvelinho do combate.

## IX

Entre os fortes alunos que dirige  
O ardido Bento, a perfilar-se corre  
Nuno. Estes são os que o primeiro golpe  
Descarregam no atônito inimigo.  
Do militar ofício ignoram tudo,  
De armas não sabem; mas o brio e a honra  
E a lembrança da terra em que primeiro  
Viram a luz, e onde o perdê-la é doce,  
Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo  
Do nobre esforço e galhardia rara,



Com que inda nos umbrais da vida que orna  
Tanta esperança, tanto sonho de ouro,  
Resolutos a morte encaram, prestes  
    A retalhar nas dobras  
Da vestidura fúnebre da pátria  
O piedoso lençol que os leve à campa,  
Ou com ela cingir o eterno louro.

X

Ó mocidade, ó baluarte vivo  
Da cara pátria! Já perdida é ela,  
Quando em teu peito entusiasmo santo  
E puro amor se extingue, e àquele nobre,  
Generoso despejo e ardor antigo  
Sucedo o frio calcular, e o torpe  
Egoísmo, e quanto há hi no humano peito,  
Que é fruto nosso e podre... Muitos caem  
Mortos ali. Que importa? Vão seguindo  
Avante os bravos, que a invasão caminha  
Implacável e dura, como a morte,  
A pelejar e a destruir. Tingidas  
    Ruas de estranho sangue  
E sangue nosso, lacerados membros,  
Corpos de que há fugido a alma cansada,  
E o denso fumo e os fúnebres lamentos,



Quem nessa confusão, miséria e glória  
Conhecerá da juvenil cidade  
O aspecto, a vida? Aqui da infância os dias  
Nuno vivera, à vicejante sombra  
Do seu pátrio arvoredos, ao som das vagas  
Que inda batendo vão na amada areia;  
Risos, jogos da verde meninice,  
Esta praia lhe lembra, aquela pedra,  
A mangueira do campo, a tosca cerca  
De espinheiro e de flores enlaçadas,  
A ave que voa, a brisa que suspira,  
Que suspira como ele há suspirado,  
Quando rompendo o coração do peito  
Ia-lhe empós dessa visão divina,  
Realidade agora... E há de perdê-las  
Pátria e noiva? Esta idéia lhe esvoaça  
Torva e surda no cérebro do moço,  
E ao contraído espírito redobra  
    Ímpeto e forças. Rompe  
Por entre a multidão dos seus, e investe  
Contra o duro inimigo; as balas voam,  
E com elas a morte, que não sabe  
Dos escolhidos seus a terra e o sangue,  
E indistintos os toma; ele, no meio  
Daquele horrível turbilhão, parece  
Que a faísca do gênio o leva e anima,



Que a fortuna o votara à glória.

XI

Soam

Enfim os gritos de triunfo; e o peito  
Do povo que lutou respira à larga,  
Como ao que, após árdua subida, chega  
Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos  
Estende pelo azul dos céus, e a vida  
Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue  
A vitória custara; mas, se em meio  
De tanta glória há lágrimas, soluços,  
Gemidos de viuvez, quem os escuta,  
Quem as vê essas lágrimas choradas  
Na multidão da praça que troveja  
E folga e ri? O sacro bronze que usa  
Os fiéis convidar à prece, e a morte  
Do homem pranteia lúgubre e solene,  
Ora festivo canta  
O comum regozijo; e pela aberta  
Porta dos templos entra a frouxo o povo  
A agradecer com lágrimas e vozes  
O triunfo, — piedoso instinto da alma,  
Que a Deus levanta o pensamento e as graças.



## XII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,  
Voa nas asas rútilas e leves  
Da fortuna e do amor. Como ao indiano,  
Que, ao regressar das porfiadas lutas,  
Por estas mesmas regiões entrava,  
A encontrá-lo saía a meiga esposa,  
— A recente cristã, entre assustada  
E jubilosa coroará teus feitos  
Coa melhor das capelas que hão pousado  
Em frente de varão, — um doce e longo  
Olhar que inteiro encerra a alma que chora  
De gosto e vida! Voa o moço à estância  
Do ancião; e ao pôr na suspirada porta  
Olhos que traz famintos de encontrá-la,  
Frio terror lhe empece os membros. Frouxo  
Ia o sol transmontando; lenta a vaga  
Melancolicamente ali gemia,  
E todo o ar parecia arfar de morte.  
Qual se pálida a vira, já cerrados  
Os desmaiados olhos,  
Frios os doces lábios  
Cansados de pedir aos céus por ele,  
Nuno estacara; e pelo rosto em fio  
O suor lhe caiu da extrema angústia;



Longo tempo vacila;  
Vence-se enfim, e entra a mansão da esposa.

### XIII

Quatro vultos na câmara paterna  
Eram. O pai sentado,  
Calado e triste. Reclinada a fronte  
No espaldar da cadeira, a filha os olhos  
E o rosto esconde, mas tremor contínuo  
De um abafado soluçar o esbelto  
Corpo lhe agita. Nuno aos dois se chega;  
Ia a falar, quando a formosa virgem,  
Os lacrimosos olhos levantando,  
Um grito solta do íntimo do peito  
E se lhe prostra aos pés: “Oh! vivo, és vivo!  
Inda bem... Mas o céu, que por nós vela,  
Aqui te envia... Salva-o tu, se podes,  
Salva meu pobre pai!” Estremecendo,  
Nela e no velho fita Nuno os olhos,  
E agitado pergunta: “Qual ousado  
Braço lhe ameaça a vida?” Cavernosa  
Uma voz lhe responde: “O santo ofício!”  
Volve o mancebo o rosto  
E o merencório aspecto  
De dois familiares todo o sangue



Nas veias lhe gelou.

#### XIV

##### Solene o velho

Com a voz, não frouxa, mas pausada, fala:  
“Vês? Todo o brio, todo o amor no peito  
Te emudeceu. Só lastimar-me podes,  
Salvar-me, nunca. O cárcere me aguarda,  
E a fogueira talvez; cumpri-la, é tempo,  
A vontade de Deus. Tu, pai e esposo  
Da desvalida filha que aí deixo,  
Nuno, serás. A relembrar com ela  
Meu pobre nome, aplacareis a imensa  
Cólera do Senhor...” Sorrindo irônico,  
Estas palavras últimas lhe caem  
Dos lábios tristes. Ergue-se: “Partamos!  
Adeus! Negou-me Aquele que no campo  
Deixa a árvore anciã perder as folhas  
No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,  
Negou-me ver por estas longas serras  
Ir-se-me o último sol. Brando regaço  
A filial piedade me daria  
Em que eu dormisse o derradeiro sono,  
E em braços de meu sangue transportado  
Fora em horas de paz e de silêncio



Levado ao leito extremo e eterno. Vive  
Ao menos tu...”

XV

Um familiar lhe corta  
O adeus último: “Vamos: é já tempo!”  
Resignado o infeliz, ao seio aperta  
A filha, e todo o coração num beijo  
Lhe transmitiu, e a caminhar começa.  
Ângela os lindos braços sobre os ombros  
Trava do austero pai; flores disséreis  
De parasita, que enroscou seus ramos  
Pelo cansado tronco, estéril, seco  
De árvore antiga: “Nunca! Hão de primeiro  
A alma arrancar-me! Ou se heis pecado, e a morte  
Pena há de ser da cometida culpa,  
Convosco descerei à campa fria,  
Juntos a mergulhar na eternidade.

Israel tem vertido

Um mar de sangue. Embora! à tona dele  
Verdeja a nossa fé, a fé que anima  
O eleito povo, flor suave e bela  
Que o medo não desfolha, nem já seca  
Ao vento mau da cólera dos homens!”



## XVI

Trêmula a voz do peito lhe saía.  
Das mãos lhe trava um dos algozes. Ela  
Entrega-se risonha,  
Como se o cálix da amargura extrema  
Pelos meles da vida lhe trocassem  
Celeste e eterna. O coração do moço  
Latejava de espanto e susto. Os olhos  
Pousa na filha o desvairado velho.  
Que ouviu? — Atenta nela; o lindo rosto  
O céu não busca jubiloso e livre,  
Antes, como travado de agra pena,  
Pende-lhe agora ao chão. Dizia acaso  
Entre si mesma uma oração, e o nome  
De Jesus repetia, mas tão baixo,  
Que o coração do pai mal pôde ouvir-lho.  
Mas ouviu-lho; e tão forte amor, tamanho  
Sacrifício da vida a alma lhe rasga  
E deslumbra. Escoou-se um breve tempo  
De silêncio; ele e ela, os tristes noivos,  
Como se a eterna noite os recebera,  
Gelados eram; levantar não ousam  
Um para o outro os arrasados olhos  
De mal contidas e teimosas lágrimas.



## XVII

Nuno, enfim, lentamente e a custo arranca  
Do coração estas palavras: “Fora  
Misericórdia ao menos confessá-lo  
Quando ao fogo do bárbaro inimigo  
Me era fácil deixar o derradeiro  
Sopro da vida. Prêmio é este acaso  
De tamanho lidar? Que mal te hei feito,  
Por que me dês tão bárbara e medonha  
Morte, como esta, em que o cadáver guarda  
Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto  
Da vida que fugiu?” Ângela os olhos  
Magoados ergue; arfa-lhe o peito aflito,  
Como o dorso da vaga que intumesce  
A asa da tempestade. “Adeus!” suspira,  
E a frente abriga no paterno seio.

## XVIII

O rebelde ancião, domado entanto,  
Afracar-se-lhe sente dentro d’alma  
O sentimento velho que bebera  
Com o leite dos seus; e sem que o lábio  
Transmita a ouvidos de homem  
O duvidar do coração, murmura



Dentro de si: “Tão poderosa é essa  
Ingênua fé, que inda negando o nome  
Do seu Deus, confiada aceita a morte,  
E guarda puro o sentimento interno  
Com que o véu rasgará da eternidade?  
Ó Nazareno, ó filho do mistério,  
Se é tua lei a única da vida  
Escreve-ma no peito; e dá que eu veja  
Morrer comigo a filha de meus olhos  
E unidos irmos, pela porta imensa  
Do teu perdão, à eternidade tua!”

## XIX

Mergulhara de todo o sol no ocaso,  
E a noite, clara, deliciosa e bela,  
A cidade cobriu, — não sossegada,  
Como costuma, — porém leda e viva,  
Cheia de luz, de cantos e rumores,  
Vitoriosa enfim. Eles, calados,  
Foram por entre a multidão alegre,  
A penetrar o cárcere sombrio.  
Donde ao mar passarão, que os leve às praias  
Da anciã Europa. Carregado o rosto,  
Ia o pai; ela, não. Serena e meiga,  
Entra afoita o caminho da amargura,



A custo sofrendo internas mágoas  
Da amarga vida, breve flor como ela,  
Que inda mais breve a mente lhe afigura.  
Anjo, descera da região celeste  
A pairar sobre o abismo; anjo, subia  
De novo à esfera luminosa e eterna,  
Pátria sua. Levar-lhe-á Deus em conta  
O muito amor e o padecer extremo,  
Quando romper a túnica da vida  
E o silêncio imortal fechar seus lábios.

## JOSÉ BONIFÁCIO

De tantos olhos que o brilhante lume  
Viram do sol amortecer no ocaso,  
Quantos verão nas orlas do horizonte  
Resplandecer a aurora?

Inúmeras, no mar da eternidade,  
As gerações humanas vão caindo;  
Sobre elas vai lançando o esquecimento  
A pesada mortalha.

Da agitação estéril em que as forças  
Consumiram da vida, raro apenas



Um eco chega aos séculos remotos,  
E o mesmo tempo o apaga.

Vivos transmite a popular memória  
O gênio criador e a sã virtude,  
Os que o pátrio torrão honrar souberam,  
E honrar a espécie humana.

Vivo irás tu, egrégio e nobre Andrada!  
Tu, cujo nome, entre os que à pátria deram  
O batismo da amada independência,  
Perpetuamente fulge.

O engenho, as forças, o saber, a vida  
Tu votaste à liberdade nossa,  
Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos  
Inconcussa deixaram.

Nunca interesse vil manchou teu nome,  
Nem abjetas paixões; teu peito ilustre  
Na viva chama ardeu que os homens leva  
Ao sacrifício honrado.

Se teus restos há muito que repousam  
No pó comum das gerações extintas,  
A pátria livre que legaste aos netos



E te venera e ama,

Nem a face mortal consente à morte  
Que te roube, e no bronze redivivo  
O austero vulto restitui aos olhos  
Das vindouras idades.

“Vede (lhes diz) o cidadão que teve  
Larga parte no largo monumento  
Da liberdade, a cujo seio os povos  
Do Brasil te acolheram.

Pode o tempo varrer, um dia, ao longe,  
A fábrica robusta; mas os nomes  
Dos que o fundaram viverão eternos,  
E viverás, Andrada!”

#### A VISÃO DE JACIÚCA

Prestes de novo a batalhar, chegavam  
Os valentes guerreiros. Mas onde ele,  
O duro chefe da indomável tribo,  
O senhor das montanhas? Afirmava  
Tatupeba que o vira, antes da aurora,  
Erguer-se, e ao longo do vizinho rio,  
Por algum tempo caminhar calado,



Como se o abafara um pensamento  
E lhe impedira o sono. Vão receio  
De batalhar? Oh! não! Quase na infância,  
A torva catadura viu da guerra,  
Ofício de homens, que aprendeu brincando  
Com seu pai, extremado entre os guerreiros,  
E na bravura e na prudência; a frecha  
Ninguém soubera menear como ele,  
Nem mais veloz nem mais certa nunca.

A lentos passos caminhando chega,  
Enfim, o bravo Jaciúca. Torvo  
E merencório traz o duro aspecto.  
“— Vamos (diz ele) a descansar na taba,  
Entre festas e danças; penduremos  
As armas nossas, que sobeja há sido  
A glória, e a doce paz nos chama.”  
Leve,  
Surdo rumor entre os guerreiros soa;  
Vai subindo, é rugido, é já tumulto,  
Como o grunhir de traças no mato,  
Que se aproxima e cresce. Jaciúca  
Olhos quietos pelo campo estende;  
Seu feio rosto é como a rocha dura  
Que o raio quebra, mas não lasca o vento.  
Fecha os lábios e pensativo espera.



Tatupeba, que a raiva a custo esconde,  
Ergue-se então; crava-lhe os fulvos olhos,  
Como a afiada ponta de uma frecha.  
Seu porte, entre os irmãos, semelha à vista  
Jequitibá robusto; mais que todos,  
Terror inspira e universal respeito.  
Ergue-se e fala: — “Longos sóis hei visto,  
Pelejei muitas guerras; a meu lado  
Vi cair mais valentes do que folhas  
Arranca o furacão; mas nunca o ânimo  
Dos lidadores abalou a palavra  
Como essa tua; nunca os braços nossos  
Ficar deixaram nos desertos campos  
Os ossos não vingados dos guerreiros.  
Que gênio mau te insinuou tal crime?”

Assim falando, Tatupeba o solo  
Com a planta feriu. Os olhos todos  
Pendem da boca do sombrio chefe.  
Silencioso Jaciúca ouvira  
As falas do guerreiro; silencioso  
E quieto ficou. Após instantes,  
A fronte sacudiu, como expelindo  
Idéias más que o cérebro lhe turvam,  
E a voz lhe rompe do íntimo do peito.



“Ó guerreiros (diz ele), aqui deitados  
Estivestes a noite, e toda inteira  
A dormistes de certo; eu, não distante,  
Do rio à margem a trabalhar comigo,  
Afiava na mente atra vingança;  
Até que os frouxos membros descaíram  
Sobre a macia relva, e um tempo largo  
Assim fiquei entre vigília e sono.  
Viam meus olhos ondular as águas,  
Mas no alheado pensamento os ecos  
Sussurravam da infância. Um gênio amigo  
Aos tempos me levava em que no rosto  
De meu pai aprendi, com frio pasmo,  
A rara intrepidez, válida herança,  
Que tanto custa ao pérfido inimigo.

De repente, uma luz pálida e triste  
Inunda o campo: transparente névoa  
E luminosa aquilo parecia,  
Ou baço refletir da branca lua  
Que nuvens cobrem. Lívido e curvado,  
Içaíba a meus olhos aparece.  
Vi-o qual era antes da fria morte;  
Só a expressão do rosto lhe mudara;  
Enérgicas não tinha, mas serenas



As feições. “Vem comigo!” Assim me fala  
O extinto bravo; e, súbito estreitando  
Ao peito o corpo do saudoso amigo,  
Juntos voamos à região das nuvens.  
“Olha!” disse Içaíba, e o braço alonga  
Para a terra. Ó guerreiros! largo espaço  
Era presa de alheio senhorio.  
Fitei os olhos mais; e pouco a pouco,  
Como enche o rio e todo o campo alaga,  
Umhas gentes estranhas se estendiam  
De sertão em sertão. Presas do fogo  
As matas vi, abrigo do guerreiro,  
E ao torvo incêndio e às invasões da morte  
Vi as tribos fugir, ceder a custo,  
Com lágrimas alguns, todos com sangue,  
A virgem terra ao bárbaro inimigo.  
Mau vento os trouxe de remota praia  
Aqueles homens novos, jamais vistos  
De guerreiro ancião, a quem não coube  
Sequer a glória de morrer contente  
E todo reviver na ousada prole.  
Era o termo da vida que chegara  
Ao povo de Tupã! Grito de morte  
Único enchia os ares, — um suspiro  
De tristeza e terror, que reboava  
Pelos recessos da floresta antiga



E talvez ameigava o peito às feras...  
Surdos os manitós deixado haviam  
Os seus fortes heróis; surdos se foram  
Entre os gênios folgar da raça nova,  
E rir talvez das lágrimas choradas  
Pelos olhos das virgens... Oh! se ao menos  
Fora pranto de livres! Era a morte  
A menor das angústias; vi curvada  
E cativa rojar no pó da terra  
A frente do guerreiro, agora altiva,  
Livre, como o condor que frecha as nuvens;  
Não canitar a cinge, mas vergonha,  
Melancólico adorno do vencido.

O rosto desviei do estranho quadro.  
“Olha!” repete o pálido Içaíba.  
Olhei de novo, e na saudosa taba,  
Que os nossos arcos defender souberam,  
Em vez da sombra do piaga santo,  
Que, ao som do maracá, colhia as vozes  
Do pensamento eterno, e as infundia  
No seio do guerreiro, como o fumo  
Do petum lhe dobrava ímpeto e força,  
Um vulto descobri de vestes negras,  
Nua quase a cabeça, e cor de espuma  
Alguns cabelos raros. Tinha o rosto



Alvo e quieto. Em suas mãos sustinha  
Extenso lenho com dois curtos braços.  
Ia só; todo o campo era deserto.  
Nem um guerreiro! um arco! — A tribo? “Extinta!”  
“A tal palavra, uma pesada sombra  
A vista me apagou, e pela face  
Senti rolar a lágrima primeira.  
O sinistro espetáculo mudara.  
Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos  
Achei-me junto do vizinho rio,  
Reclinado como antes, e defronte  
A pálida figura de Içafba.  
“— Torna à taba, me disse o extinto moço;  
Luas e luas volverão no espaço  
Antes da morte, mas a morte é certa,  
E terrível será. Nação bem outra,  
Sobre as ruínas da valente raça  
Virá sentar-se, e brilhará na terra  
Gloriosa e rica. Uma chorada lágrima,  
Talvez, talvez, no meio de triunfos.  
Há de ser a tardia, escassa paga  
Da morte nossa. Poupa ao menos essa  
Derradeira esperança de guardá-lo  
Todo o valor para o supremo dia  
E com honra ceder a estranhas hostes;  
Salva ao menos as últimas relíquias



Desta nação vencida; não se rasguem  
Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram  
E Anhangá fez contrários... Todos eles  
Poucos serão para a tremenda luta,  
Mas de sobra hão de ser para chorá-la.”

Assim falara o pálido Içaíba;  
Alguns instantes contemplou meu rosto,  
Calado e firme. A cachoeira ao longe  
Interrompia apenas o silêncio;  
E eu morto, eu mesmo me sentia morto.  
Ele um triste suspiro magoado  
Soltou do peito; os apagados olhos  
Às estrelas ergueu, sereno e triste,  
E de novo rompendo o vôo aos ares,  
Como uma frecha penetrou nas nuvens.”

A GONÇALVES DIAS

Ninguém virá, com titubeantes passos,  
E os olhos lacrimosos, procurando  
O meu jazigo...

GONÇALVES DIAS. Últimos Cantos.



Tu vive e goza luz serena e pura.

J. BASÍLIO DA GAMA. Uruguai, c. V.

Assim vagou por alongados climas,  
E do naufrágio os úmidos vestidos  
Ao calor enxugou de estranhos lares  
O lusitano vate. Acerbas penas  
Curtiu naquelas regiões; e o Ganges,  
Se o viu chorar, não viu pousar calada,  
Como a harpa dos êxules profetas,  
A heróica tuba. Ele a embocou, vencendo  
Coa lembrança do ninho seu paterno,  
Longas saudades e míseras tantas.  
Que monta o padecer? Um só momento  
As mágoas lhe pagou da vida; a pátria  
Reviu, após a suspirar por ela;  
    E a velha terra sua  
O despojo mortal cobriu piedosa  
E de sobejo o compensou de ingratos.

Mas tu, cantor da América, roubado  
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube  
Na terra em que primeiro houveste o lume  
Do nosso sol, achar o último leito!  
Não te coube dormir no chão amado,



Onde a luz frouxa da serena lua,  
Por noite silenciosa, entre a folhagem  
Coasse os raios úmidos e frios,  
Com que ela chora os mortos... derradeiras  
Lágrimas certas que terá na campa  
O infeliz que não deixa sobre a terra  
Um coração ao menos que o pranteie.

Vinha contudo o pálido poeta  
Os desmaiados olhos estendendo  
Pela azul extensão das grandes águas,  
A pesquisar ao longe o esquivo fumo  
Dos pátrios tetos. Na abatida frente  
Ave da morte as asas lhe roçara;  
A vida não cobrou nos ares novos,  
A vida, que em vigílias e trabalhos,  
Em prol dos seus, gastou por longos anos,  
Co'essa largueza de ânimo fadado  
A entornar generoso a vital seiva.  
Mas, que importava a morte, se era doce  
Morrê-la à sombra deliciosa e amiga  
Dos coqueiros da terra, ouvindo acaso  
    No murmurar dos rios,  
Ou nos suspiros do noturno vento,  
Um eco melancólico dos cantos  
Que ele outrora entoara? Traz do exílio



Um livro, monumento derradeiro  
Que à pátria levantou; ali revive  
Toda a memória do valente povo  
Dos seus Timbiras...

Súbito, nas ondas

Bate os pés, espumante e desabrido,  
O corcel da tormenta; o horror da morte  
Enfia o rosto aos nautas... Quem por ele,  
Um momento hesitou quando na frágil  
Tábua confiou a única esperança  
Da existência? Mistério obscuro é esse  
Que o mar não revelou. Ali sozinho,  
Travou naquela solidão das águas  
O duelo tremendo, em que a alma e corpo  
As suas forças últimas despendem  
Pela vida da terra e pela vida  
Da eternidade. Quanta imagem torva,  
Pelo turbado espírito batendo  
As fuscas asas, lhe tornou mais triste  
Aquele instante fúnebre! Suave  
É o arranco final, quando o já frouxo  
Olhar contempla as lágrimas do afeto,  
E a cabeça repousa em seio amigo.  
Nem afetos nem prantos; mas somente  
A noite, o medo, a solidão e a morte.  
A alma que ali morava, ingênua e meiga,



Naquele corpo exíguo, abandonou-o,  
Sem ouvir os soluços da tristeza,  
Nem o grave salmear que fecha aos mortos  
O frio chão. Ela o deixou, bem como  
Hóspede mal aceito e mal dormido,  
Que prossegue a jornada, sem que leve  
O ósculo da partida, sem que deixe  
No rosto dos que ficam, — rara embora, —  
Uma sombra de pálida saudade.

Oh! sobre a terra em que pousaste um dia,  
Alma filha de Deus, ficou teu rasto  
Como de estrela que perpétua fulge!  
Não viste as nossas lágrimas; contudo  
O coração da pátria as há vertido.  
Tua glória as secou, bem como orvalho  
Que a noite amiga derramou nas flores  
E o raio enxuga da nascente aurora.  
Na mansão a que foste, em que ora vives,  
Hás de escutar um eco do concerto  
Das vozes nossas. Ouvirás, entre elas,  
Talvez, em lábios de indiana virgem!  
Esta saudosa e suspirada nênia:

“Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!



A grande água o levou como invejosa.  
Nenhum pé trilhará seu derradeiro  
Fúnebre leito; ele repousa eterno  
Em sítio onde nem olhos de valentes,  
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhe  
Os frios restos. Sabiá-da-praia  
De longe o chamará saudoso e meigo,  
Sem que ele venha repetir-lhe o canto.  
Morto! é morto o cantor de meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!

Ele houvera do Ibaque o dom supremo  
De modular nas vozes a ternura,  
A cólera, o valor, tristeza e mágoa,  
E repetir aos namorados ecos  
Quanto vive e reluz no pensamento.  
Sobre a margem das águas escondidas,  
Virgem nenhuma suspirou mais terna,  
Nem mais válida a voz ergueu na taba,  
Suas nobres ações cantando aos ventos,  
O guerreiro tamoio. Doce e forte,  
Brotava-lhe do peito a alma divina.  
Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!



Coema, a doce amada de Itajuba,  
Coema não morreu; a folha agreste  
Pode em ramas ornar-lhe a sepultura,  
E triste o vento suspirar-lhe em torno;  
Ela perdura a virgem dos Timbiras,  
Ela vive entre nós. Airosa e linda,  
Sua nobre figura adorna as festas  
E enflora os sonhos dos valentes. Ele,  
O famoso cantor, quebrou da morte  
O eterno jugo; e a filha da floresta  
Há de a história guardar das velhas tabas  
Inda depois das últimas ruínas.  
Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!

O piaga, que foge a estranhos olhos,  
E vive e morre na floresta escura,  
Repita o nome do cantor; nas águas  
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos  
Uma sentida lágrima, arrancada  
Do coração que ele tocara outrora,  
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,  
E na voz celebrou de eternos carmes.  
Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!



## OS SEMEADORES

(Século XVI)

...Eis aí saiu o que semeia a semear...

MAT., XIII, 3.

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,

O doce fruto e a flor,

Acaso esqueceréis os ásperos e amargos

Tempos do sementeiro?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;

Contudo, esses heróis

Souberam resistir na afanosa porfia

Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,

E a fé, e as orações

Fizeram transformar a terra pobre em rica

E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,

O frio, a descalcez,

O morrer cada dia uma morte sem nome,



O Morrê-la, talvez,  
Entre bárbaras mãos, como se fora crime,  
Como se fora réu  
Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime  
De as levantar ao céu!

Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!  
Venceste-la; e podeis  
Entre as dobras dormir da secular mortalha;  
Vivereis, vivereis!

#### A FLOR DO EMBIRUÇU

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?

FIL. ELIS.

Quando a noturna sombra envolve a terra  
E à paz convida o lavrador cansado,  
À fresca brisa o seio delicado  
A branca flor do embiruçu descerra.

E das límpidas lágrimas que chora  
A noite amiga, ela recolhe alguma;  
A vida bebe na ligeira bruma,



Até que rompe no horizonte a aurora.

Então, à luz nascente, a flor modesta,  
Quando tudo o que vive alma recobra,  
Languidamente as suas folhas dobra,  
E busca o sono quando tudo é festa.

Suave imagem da alma que suspira  
E odeia a turba vã! da alma que sente  
Agitar-se-lhe a asa impaciente  
E a novos mundos transportar-se aspira!

Também ela ama as horas silenciosas,  
E quando a vida as lutas interrompe,  
Ela da carne os duros elos rompe,  
E entrega o seio às ilusões viçosas.

É tudo seu, — tempo, fortuna, espaço,  
E o céu azul e os seus milhões de estrelas;  
Abrasada de amor, palpita ao vê-las,  
E a todas cinge no ideal abraço.

O rosto não encara indiferente,  
Nem a traidora mão cândida aberta;  
Das mentiras da vida se liberta  
E entra no mundo que jamais não mente.



Noite, melhor que o dia, quem não te ama?  
Labor ingrato, agitação, fadiga,  
Tudo faz esquecer tua asa amiga  
Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha à hora  
Em que o último olhar o sol lhe estende,  
Vive, embala-se, orvalha-se, recende,  
E as folhas cerra quando rompe a aurora.

#### LUA NOVA

Mãe dos frutos, Jaci, no alto espaço  
Ei-la assoma serena e indecisa:  
Sopro é dela esta lânguida brisa  
Que sussurra na terra e no mar.  
Não se mira nas águas do rio,  
Nem as ervas do campo branqueia;  
Vaga e incerta ela vem, como a idéia  
Que inda apenas começa a espartar.

E iam todos; guerreiros, donzelas,  
Velhos, moços, as redes deixavam;  
Rudes gritos na aldeia soavam,



Vivos olhos fugiam p’ra o céu:  
Iam vê-la, Jaci, mãe dos frutos,  
Que, entre um grupo de brancas estrelas,  
Mal cintila: nem pôde vencê-las,  
Que inda o rosto lhe cobre amplo véu.

E um guerreiro: “Jaci, doce amada,  
Retempera-me as forças; não veja  
Olho adverso, na dura peleja,  
Este braço já frouxo cair.  
Vibre a seta, que ao longe derruba  
Tajaçu, que roncando caminha;  
Nem lhe escape serpente daninha,  
Nem lhe fuja pesado tapir.”

E uma virgem: “Jaci, doce amada,  
Dobra os galhos, carrega esses ramos  
Do arvoredos coas frutas que damos  
Aos valentes guerreiros, que eu vou  
A buscá-los na mata sombria,  
Por trazê-los ao moço prudente,  
Que venceu tanta guerra valente,  
E estes olhos consigo levou.”

E um ancião, que a saudara já muitos,  
Muitos dias: “Jaci, doce amada,



Dá que seja mais longa a jornada,  
Dá que eu possa saudar-te o nascer,  
Quando o filho do filho, que hei visto  
Triunfar de inimigo execrando,  
Possa as pontas de um arco dobrando  
Contra os arcos contrários vencer.”

E eles riam os fortes guerreiros,  
E as donzelas e esposas cantavam,  
E eram risos que d’alma brotavam,  
E eram cantos de paz e de amor.  
Rude peito criado nas brenhas,  
— Rude embora, — terreno é propício;  
Que onde o gérmen lançou benefício  
Brotava, enfolha, verdeja, abre em flor.

## SABINA

Sabina era mucama da fazenda;  
Vinte anos tinha; e na província toda  
Não havia mestiça mais à moda,  
Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,  
Nem tinha mãos para trabalho rude;



Desbrochava-lhe a sua juventude  
Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,  
Que com ela brincou sendo menina,  
Sobre todas amava esta Sabina,  
Com esse ingênuo e puro amor da roça.

Dizem que à noite, a suspirar na cama,  
Pensa nela o feitor; dizem que, um dia,  
Um hóspede que ali passado havia,  
Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma jóia no pescoço?  
Não pôde haver o coração da bela.  
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,  
É pessoa maior: é o senhor moço.

Ora, Otávio cursava a Academia.  
Era um lindo rapaz; a mesma idade  
Coas passageiras flores o adornava  
De cujo extinto aroma inda a memória  
Vive na tarde pálida do outono.  
Oh! vinte anos! Ó pombas fugitivas  
Da primeira estação, porque tão cedo  
Voais de nós? Pudesse ao menos a alma



Guardar consigo as ilusões primeiras,  
Virgindade sem preço, que não paga  
Essa descolorida, árida e seca  
Experiência do homem!

Vinte anos

Tinha Otávio, e a beleza e um ar de corte,  
E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;  
Um vero Adônis, como aqui diria  
Algum poeta clássico, daquela  
Poesia que foi nobre, airosa e grande  
Em tempos idos, que ainda bem se foram...

Cursava a Academia o moço Otávio;  
Ia no ano terceiro, não remoto  
Via desenrolar-se o pergaminho,  
Prêmio de seus labores e fadigas;  
E uma vez bacharel, via mais longe  
Os curvos braços da feliz cadeira  
Donde o legislador a rédea empunha  
Dos lépidos frisões do Estado. Entanto,  
Sobre os livros de estudo, gota a gota  
As horas despendia, e trabalhava  
Por meter na cabeça o jus romano  
E o pátrio jus. Nas suspiradas férias  
Volvia ao lar paterno; ali no dorso



De brioso corcel corria os campos,  
Ou, arma ao ombro, polvorinho ao lado,  
À caça dos veados e cutias,  
Ia matando o tempo. Algumas vezes  
Com o padre vigário se entretinha  
Em desfiar um ponto de intrincada  
Filosofia, que o senhor de engenho,  
Feliz pai, escutava glorioso,  
Como a rever-se no brilhante aspecto  
De suas ricas esperanças.

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito  
Otávio; em quatro sorvos toda esgota  
A taça de café. Chapéu de palha,  
E arma ao ombro, lá foi terreiro fora,  
Passarinhar no mato. Ia costeando  
O arvoredado que além beirava o rio,  
A passo curto, e o pensamento à larga,  
Como leve andorinha que saísse  
Do ninho, a respirar o hausto primeiro  
Da manhã. Pela aberta da folhagem,  
Que inda não doura o sol, uma figura  
Deliciosa, um busto sobre as ondas  
Suspende o caçador. Mãe d'água fora,  
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos



Imitasse a do céu; se a tez morena,  
Morena como a esposa dos Cantares,  
Alva tivesse; e raios de ouro fossem  
Os cabelos da cor da noite escura,  
Que ali soltos e úmidos lhe caem,  
Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,  
Cabelo negro, os largos olhos brandos  
Cor de jabuticaba, quem seria,  
Quem, senão a mucama da fazenda,  
Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,  
E nela os olhos espantados fita  
Que desejos acendem. — Mal cuidando  
Daquele estranho curioso, a virgem  
Com os ligeiros braços rompe as águas,  
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,  
Talhado pela mão da natureza  
Sobre o modelo clássico. Na oposta  
Riba suspira um passarinho; e o canto  
E a meia luz, e o sussurrar das águas,  
E aquela fada ali, tão doce vida  
Davam ao quadro, que o ardente aluno  
Trocara por aquilo, uma hora ao menos,  
A Faculdade, o pergaminho e o resto.

Súbito erige o corpo a ingênua virgem.  
Com as mãos, os cabelos sobre a espádua



Deita, e rasgando lentamente as ondas,  
Para a margem caminha, tão serena,  
Tão livre como quem de estranhos olhos  
Não suspeita a cobiça... Vêu da noite,  
Se lhos cobrira, dissipara acaso  
Uma história de lágrimas. Não pode  
Furtar-se Otávio à comoção que o toma;  
A clavina que a esquerda mal sustenta  
No chão lhe cai; e o baque surdo acorda  
A descuidada nadadora. Às ondas  
A virgem torna. Rompe Otávio o espaço  
Que os divide; e de pé, na fina areia,  
Que o mole rio lambe, ereto e firme,  
Todo se lhe descobre. Um grito apenas  
Um só grito, mas único, lhe rompe  
Do coração; terror, vergonha... e acaso  
Prazer, prazer misterioso e vivo  
De cativa que amou silenciosa,  
E que ama e vê o objeto de seus sonhos,  
Ali com ela, a suspirar por ela.

“Flor da roça nascida ao pé do rio,  
Otávio começou — talvez mais bela  
Que essas belezas cultas da cidade,  
Tão cobertas de jóias e de sedas,  
Oh! não me negues teu suave aroma!



Fez-te cativa o berço; a lei somente  
Os grilhões te lançou; no livre peito  
De teus senhores tens a liberdade,  
A melhor liberdade, o puro afeto  
Que te elegeu entre as demais cativas,  
E de afagos te cobre! Flor do mato,  
Mais viçosa do que essas outras flores  
Nas estufas criadas e nas salas,  
Rosa agreste nascida ao pé do rio,  
Oh! não me negues teu suave aroma!”

Disse, e da riba os cobiçosos olhos  
Pelas águas estende, enquanto os dela,  
Cobertos pelas pálpebras medrosas  
Choram, — de gosto e de vergonha a um tempo, —  
Duas únicas lágrimas. O rio  
No seio as recebeu; consigo as leva,  
Como gotas de chuva, indiferente  
Ao mal ou bem que lhe povoa a margem;  
Que assim a natureza, ingênua e dócil  
Às leis do Criador, perpétua segue  
Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem  
Padecer e saber que sente e morre.

Pela azulada esfera inda três vezes  
A aurora as flores derramou, e a noite



Vezes três a mantilha escura e larga  
Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,  
Anjo das virgens, anjo de asas brancas,  
Pudor, onde te foste? A alva capela  
Murcha e desfeita pelo chão lançada,  
Coberta a face do rubor do pejo,  
Os olhos com as mãos velando, alçaste  
Para a Eterna Pureza o eterno vôo.  
Quem ao tempo cortar pudera as asas  
Se deleitoso voa? Quem pudera  
Suster a hora abençoada e curta  
Da ventura que foge, e sobre a terra  
O gozo transportar da eternidade?  
Sabina viu correr tecidos de ouro  
Aqueles dias únicos na vida  
Toda enlevo e paixão, sincera e ardente  
Nesse primeiro amor d'alma que nasce  
E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,  
Consciência; razão, tu lhe fechavas  
A vista interior; e ela seguia  
Ao sabor dessas horas mal furtadas  
Ao cativo e à solidão, sem vê-lo  
O fundo abismo tenebroso e largo  
Que a separa do eleito de seus sonhos,  
Nem pressentir a brevidade e a morte!



E com que olhos de pena e de saudade  
Viu ir-se um dia pela estrada fora  
Otávio! Aos livros torna o moço aluno,  
Não cabisbaixo e triste, mas sereno  
E lépido. Com ela a alma não fica  
De seu jovem senhor. Lágrima pura,  
Muito embora de escrava, pela face  
Lentamente lhe rola, e lentamente  
Toda se esvai num pálido sorriso  
De mãe.

Sabina é mãe; o sangue livre  
Gira e palpita no cativo seio  
E lhe paga de sobra as dores cruas  
Da longa ausência. Uma por uma, as horas  
Na solidão do campo há de contá-las,  
E suspirar pelo remoto dia  
Em que o veja de novo... Pouco importa,  
Se o materno sentir compensa os males.

Riem-se dela as outras; é seu nome  
O assunto do terreiro. Uma invejosa  
Acha-lhe uns certos modos singulares  
De senhora de engenho; um pajem moço,  
De cobiça e ciúme devorado,  
Desfaz nas graças que em silêncio adora



E consigo medita uma vingança.  
Entre os parceiros, desfiando a palha  
Com que trança um chapéu, solenemente  
Um Caçanje ancião refere aos outros  
Alguns casos que viu na mocidade  
De cativas amadas e orgulhosas  
Castigadas do céu por seus pecados,  
Mortas entre os grilhões do cativoiro.  
Assim falavam eles; tal o aresto  
Da opinião. Quem evitá-lo pode  
Entre os seus, por mais baixo que a fortuna  
Haja tecido o berço? Assim falavam  
Os cativos do engenho; e porventura  
Sabina o soube e o perdoou.

#### Volveram

Após os dias da saudade os dias  
Da esperança. Ora, quis fortuna adversa  
Que o coração do moço, tão volúvel  
Como a brisa que passa ou como as ondas,  
Nos cabelos castanhos se prendesse  
De donzela gentil, com quem atara  
O laço conjugal: uma beleza  
Pura, como o primeiro olhar da vida,  
Uma flor desbrochada em seus quinze anos,  
Que o moço viu num dos serões da corte



E cativo adorou. Que há de fazer-lhes  
Agora o pai? Abençoar os noivos  
E ao regaço trazê-los da família.

Oh! longa foi, longa e ruidosa a festa  
Da fazenda, por onde alegre entrara  
O moço Otávio conduzindo a esposa.  
Viu-os chegar Sabina, os olhos secos,  
Atônita e pasmada. Breve o instante  
Da vista foi. Rápido foge. A noite  
A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;  
Voa, não corre, ao malfadado rio,  
Onde a voz escutou do amado moço.  
Ali chegando: “Morrerá comigo.  
O fruto de meu seio; a luz da terra  
Seus olhos não verão; nem ar da vida  
Há de aspirar...”

Ia a cair nas águas,  
Quando súbito horror lhe toma o corpo;  
Gelado o sangue e trêmula recua,  
Vacila e tomba sobre a relva. A norte  
Em vão a chama e lhe fascina a vista;  
Vence o instinto de mãe. Erma e calada  
Ali ficou. Viu-a jazer a lua  
Largo espaço da noite ao pé das águas,



E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;  
Nenhum deles, contudo, o disse à aurora.

## ÚLTIMA JORNADA

I

E ela se foi nesse clarão primeiro,  
Aquele esposa mísera e ditosa;  
E ele se foi o pérfido guerreiro.  
Ela serena ia subindo e airosa,  
Ele à força de incógnitos pesares  
Dobra a cerviz rebelde e lutuosa.

Iam assim, iam cortando os ares,  
Deixando embaixo as férteis campinas,  
E as florestas, e os rios e os palmares.

Oh! cândidas lembranças infantinas!  
Oh! vida alegre da primeira taba;  
Que aurora vos tomou, aves divinas?

Como um tronco do mato que desaba,  
Tudo caiu; lei bárbara e funesta:  
O mesmo instante cria e o mesmo acaba.



De esperanças tamanhas o que resta?  
Uma história, uma lágrima chorada  
Sobre as últimas ramas da floresta.

A flor do ipê a viu brotar magoada,  
E talvez a guardou no seio amigo,  
Como lembrança da estação passada.

Agora os dois, deixando o bosque antigo,  
E as campinas, e os rios e os palmares,  
Para subir ao derradeiro abrigo,  
Iam cortando lentamente os ares.

## II

E ele clamava à moça que ascendia;  
“— Oh! tu que a doce luz eterna levas,  
E vais viver na região do dia,

Vê como rasgam bárbaras e sevas  
As tristezas mortais ao que se afunda  
Quase na fria região das trevas!

Olha esse sol que a criação inunda!  
Oh quanta luz, oh! quanta doce vida  
Deixar-me vai na escuridão profunda!



Tu ao menos perdoa-me, querida!  
Suave esposa, que eu ganhei roubando,  
Perdida agora para mim, perdida!

Ao maldito na morte, ao miserando,  
Que mais lhe resta em sua noite impura?  
Sequer alívio ao coração nefando.

Nos olhos trago a tua morte escura.  
Foi meu ódio cruel que há decepado,  
Ainda em flor, a tua formosura.

Mensageiro de paz, era enviado  
Um dia à taba de teus pais, um dia  
Que melhor fora se não fora nado.

Ali te vi; ali, entre a alegria  
De teus fortes guerreiros e donzelas,  
Teu doce rosto para mim sorria.

A mais bela eras tu entre as mais belas,  
Como no céu a criadora lua  
Vence na luz as vívidas estrelas.

Gentil nasceste por desgraça tua;



Eu covarde nasci; tu me seguiste;  
E ardeu a guerra desabrida e crua.

Um dia o rosto carregado e triste  
À taba de teus pais volveste, o rosto  
Com que alegre e feliz dali fugiste.

Tinha expirado o passageiro gosto,  
Ou o sangue dos teus, correndo a fio,  
Em teu seio outro afeto havia posto.

Mas, ou fosse remorso, ou já fastio,  
Ias-te agora leve e descuidada,  
Como folha que o vento entrega ao rio.

Oh! corça minha fugitiva e amada!  
Anhangá te guiou por mau caminho,  
E a morte pôs na minha mão fechada.

Feriu-me da vingança agudo espinho;  
E fiz-te padecer tão cruas penas,  
Que inda me dói o coração mesquinho.

Ao contemplar aquelas tristes cenas  
As aves, de piedosas e sentidas,  
Chorando foram sacudindo as penas.



Não viu o cedro ali correr perdidas  
Lágrimas de materno amado seio;  
Viu somente morrer a flor das vidas.

O que mais houve da floresta em meio  
O sinistro espetáculo, decerto  
Nenhum estranho contemplá-lo veio.

Mas, se alguém penetrasse no deserto,  
Vira cair pesadamente a massa  
Do corpo do guerreiro; e o crânio aberto,

Como se fora derramada taça  
Pela terra jazer, ali chamando  
O feio grasno do urubu que passa.

Em vão a arma do golpe irão buscando,  
Nenhuma houve; nem guerreiro ousado  
A tua morte ali foi castigando.

Talvez, talvez Tupã, desconsolado,  
A pena contemplou maior do que era  
O delito; e de cólera tomado,

Ao mais alto dos Andes estendera



O forte braço, e da árvore mais forte  
A seta e o arco vingador colhera;

As pontas lhe dobrou, da mesma sorte  
Que o junco dobra, sussurrando o vento,  
E de um só tiro lhe enviou a morte.”

Ia assim suspirando este lamento,  
Quando subitamente a voz lhe cala,  
Como se a dor lhe sufocara o alento.

No ar se perdera a lastimosa fala,  
E o infeliz, condenado à noite escura,  
Os dentes range e treme de encontrá-la.

Leva os olhos na viva aurora pura  
Em que vê penetrar, já longe, aquela  
Doce, mimosa, virginal figura.

Assim no campo a tímida gazela  
Foge e se perde; assim no azul dos mares  
Some-se e morre fugidia vela.

E nada mais se viu flutuar nos ares;  
Que ele, bebendo as lágrimas que chora,  
Na noite entrou dos imortais pesares,



E ela de todo mergulhou na aurora.

## OS ORIZES

(Fragmento)

I

Nunca as armas cristãs, nem do Evangelho  
O lume criador, nem frecha estranha  
O vale penetraram dos guerreiros  
Que, entre serros altíssimos sentado,  
Orgulhoso descansa. Único o vento,  
Quando as asas despreza impetuoso,  
Os campos varre e as selvas estremece,  
Um pouco leva, ao recatado asilo,  
Da poeira da terra. Acaso o raio  
Alguma vez nos ásperos penedos,  
Com fogo escreve a assolação e o susto.  
Mas olhos de homem, não; mas braço afeito  
A pleitear na guerra, a abrir ousado  
Caminho entre a espessura da floresta,  
Não afrontara nunca os atrevidos  
Muros que a natureza a pino erguera  
Como eterna atalaia.

II



### Um povo indócil

Nessas brenhas achou ditosa pátria,  
Livre, como o rebelde pensamento  
Que ímpia força não doma, e airoso volve  
Inteiro à eternidade. Guerra longa  
E porfiosa os adestrou nas armas;  
Rudes são nos costumes mais que quantos  
Há criado este sol, quantos na guerra  
O tacape meneiam vigoroso.  
Só nas festas de plumas se ataviam  
Ou na pele do tigre o corpo envolvem,  
Que o sol queimou, que a rispidez do inverno  
Endureceu como os robustos troncos  
Que só verga o tufão. Tecer não usam  
A preguiçosa rede em que se embale  
O corpo fatigado do guerreiro,  
Nem as tabas erguer como outros povos;  
Mas à sombra das árvores antigas,  
Ou nas medonhas cavas dos rochedos,  
No duro chão, sobre mofinas ervas,  
Acham sono de paz, jamais tolhido  
De ambições, de remorsos. Indomável  
Essa terra não é; pronto lhes volve  
O semeado pão; vicejam flores  
Com que a rudez tempera a extensa mata,



E o fruto pende dos curvados ramos  
Do arvoredado. Harta messe do homem rude,  
Que tem na ponta da farpada seta  
O pesado tapir, que lhes não foge,  
Nhandu, que à flor de terra inquieto voa,  
Sobejo pasto, e deleitoso e puro  
Da selvagem nação. Nunca vaidade  
De seu nome souberam, mas a força,  
Mas a destreza do provado braço  
Os foros são do império a que hão sujeito  
Todo aquele sertão. Murmuram longe,  
Contra eles, as gentes debeladas  
Vingança e ódio. Os ecos repetiram  
Muita vez a pocema de combate;  
Nuvens e nuvens de afiadas setas  
Todo o ar cobriram; mas o extremo grito  
Da vitória final só deles fora.

### III

Despem armas de guerra; a paz os chama  
E o seu bárbaro rito. Alveja perto  
O dia em que primeiro a voz levante  
A ave sagrada, o nume de seus bosques,  
Que de agouro chamamos, Cupuaba  
Melancólica e feia, mas ditosa



E benéfica entre eles. Não se curvam  
Ao nome de Tupã, que a noite e o dia  
No céu reparte, e ao ríspido guerreiro  
Guarda os sonhos do Ibaque e eternas danças.  
Seu deus único é ela, a benfazeja  
Ave amada, que os campos despoeva  
Das venenosas serpes, — viva imagem  
Do tempo vingador, lento e seguro,  
Que as calúnias, a inveja e o ódio apagam,  
E ao conspurcado nome o alvor primeiro  
Restitui. Uso é deles celebrar-lhe  
Com festas o primeiro e o extremo canto.

#### IV

Terminara o cruento sacrifício.  
Ensopa o chão da dilatada selva  
Sangue de caititus, que o pio intento  
Largos meses cevou; bárbara usança  
Também de alheios climas. As donzelas,  
Mal saídas da infância, inda embebidas  
Nos ledos jogos de primeira idade,  
Ao brutal sacrifício... Oh! cala, esconde,  
Lábio cristão, mais bárbaro costume.

#### V



Agora a dança, agora alegres vinhos,  
Três dias há que de inimigos povos  
Esquecidos os trazem. Sobre um tronco  
Sentado o chefe, carregado o rosto,  
Inquieto o olhar, o gesto pensativo,  
Como alheio ao prazer, de quando em quando  
À multidão dos seus a vista alonga,  
E um rugido no peito lhe murmura.  
Quem a fronte enrugara do guerreiro?  
Inimigo não foi, que o medo nunca  
O sangue lhe esfriou, nem vão receio  
Da batalha futura o desenlace  
Lhe fez incerto. Intrépidos como ele  
Poucos vira este céu. Seu forte braço,  
Quando vibra o tacape nas pelejas,  
De rasgados cadáveres o campo  
Inteiro alastra, e ao peito do inimigo,  
Como um grito de morte a voz lhe soa.  
Nem só nas gentes o terror infunde;  
É fama que em seus olhos cor da noite,  
Inda criança, um gênio lhe deixara  
Misteriosa luz, que as forças quebra  
Da onça e do jaguar. Certo é que um dia  
(A tribo o conta, e seus pajés o juram)  
Um dia em que, do filho acompanhado,



Ia costeando a orla da floresta,  
Um possante jaguar, escancarando  
A boca, em frente do famoso chefe  
Estacara. De longe um grito surdo  
Solta o jovem guerreiro; logo a seta  
Embebe no arco, e o tiro sibilante  
Ia já disparar, quando de assombro  
A mão lhe afrouxa a distendida corda.  
A fera o colo tímida abatera,  
Sem ousar despregar os fulvos olhos  
Dos olhos do inimigo. Urete ousado  
Arco e frechas atira para longe,  
A maça empunha, e lento, e lento avança;  
Três vezes volteando a arma terrível,  
Enfim despede o golpe; um grito apenas  
Único atoa o solitário campo,  
E a fera jaz, e o vencedor sobre ela.

#### CANTIGA DO ROSTO BRANCO

Rico era o rosto branco; armas trazia,  
E o licor que devora e as finas telas;  
Na gentil Tibéima os olhos pousa,  
E amou a flor das belas.



“Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;  
“Quando, junto de ti, teus olhos miro,  
A vista se me turva, as forças perco,  
E quase, e quase expiro.”

E responde a morena requebrando  
Um olhar doce, de cobiça cheio:  
“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;  
Aperta-me em teu seio!”

Uma cabana levantaram ambos,  
O rosto branco e a amada flor das belas...  
Mas as riquezas foram-se coo tempo,  
E as ilusões com elas.

Quando ele empobreceu, a amada moça  
Noutros lábios pousou seus lábios frios,  
E foi ouvir de coração estranho  
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco  
Triste nova colheu; mas ele amava,  
Inda infiéis, aqueles lábios doces,  
E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria



A mendigar o grão de porta em porta,  
Com que a moça nutrisse, em cujo peito  
Jazia a afeição morta.

E para si, para afogar a mágoa,  
Se um pouco havia do licor ardente,  
A dor que o devorava e renascia  
Matava lentamente.

Sempre traído, mas amando sempre,  
Ele a razão perdeu; foge à cabana,  
E vai correr na solidão do bosque  
Uma carreira insana.

O famoso Sachém, ancião da tribo,  
Vendo aquela traição e aquela pena,  
À ingrata filha duramente fala,  
E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,  
Que o lábio do homem acha doce e puro;  
Coração de mulher que já não ama  
Esse é inda mais duro.

Nu, qual saíra do materno ventre,  
Olhos cavos, a barba emaranhada,



O mísero tornou, e ao próprio teto  
Veio pedir pousada.

Volvido se cuidava à flor da infância  
(Tão escuro trazia o pensamento).  
“Mãe!” exclamava contemplando a moça,  
“Acolhe-me um momento!”

Vinha faminto. Tibeíma, entanto,  
Que já de outro guerreiro os dons houvera,  
Sentiu asco daquele que outro tempo  
As riquezas lhe dera.

Fora o lançou; e ele expirou gemendo  
Sobre folhas deitado junto à porta;  
Anos volveram; coos volvidos anos,  
Tibeíma era morta.

Quem ali passa, contemplando os restos  
Da cabana, que a erva toda esconde:  
“Que ruínas são essas?”, interroga.  
E ninguém lhe responde



Compilación de Obras  
José María Heredia

© Universidad Autónoma del  
Estado de México, 2016 Instituto  
Literario núm. 100,  
colonia Centro, C.P. 50000,  
Toluca de Lerdo, Estado de  
México

El presente texto es un derivado de una obra en dominio público.  
Recuperado de wikisource: <https://es.wikisource.org/>

Esta obra está sujeta a una licencia Creative Commons, Atribución  
2.5  
México (cc by 2.5). Para ver una copia de la licencia visite  
<http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/mx>. Puede ser  
utilizada con fines educativos, informativos o culturales, siempre  
que se cite la fuente. Disponible para su acceso abierto en  
<http://ri.uaemex.mx/>

**Compilación de Obra II**  
**José María Heredia**



## José María Heredia

De origen cubano, nace el 31 de diciembre de 1803, por el trabajo de su padre, Francisco Heredia Mieses, Oidor y Regente de la Real Audiencia de Caracas, se muda a Venezuela en 1810 para regresar en 1818 a Cuba, año en el que inicia sus estudios de Leyes en la Universidad de La Habana. En 1819, se establecen en México donde continúa sus estudios, sin embargo, la muerte de su padre en 1820, Heredia regresa con su madre y hermanas a Cuba.

En 1823, se ve envuelto en la conspiración «Soles y Rayos de Bolívar» por lo que se ve obligado a marcharse a Estados Unidos, país del que admiraba sus instituciones políticas; en este periodo de tiempo contrajo tuberculosos, enfermedad que dieciséis años después le costaría la vida. Durante su exilio, escribe la «oda al Niágara» y publica la primera edición de sus poemas.

En 1825, aceptó la invitación el presidente de México Guadalupe Victoria y regresa a México. Durante los nueve que permaneció en el Estado de México fue periodista, diputado y magistrado además de bibliotecario, maestro y director del Instituto Científico y Literario cargo que desempeñó poco más de un año.



De origen cubano, nace el 31 de diciembre de 1803, por el trabajo de su padre, Francisco Heredia Mieses, Oidor y Regente de la Real Audiencia de Caracas, se muda a Venezuela en 1810 para regresar en 1818 a Cuba, año en el que inicia sus estudios de Leyes en la Universidad de La Habana. En 1819, se establecen en México donde continúa sus estudios, sin embargo, la muerte de su padre en 1820, Heredia regresa con su madre y hermanas a Cuba.

En 1823, se ve envuelto en la conspiración «Soles y Rayos de Bolívar» por lo que se ve obligado a marcharse a Estados Unidos, país del que admiraba sus instituciones políticas; en este periodo de tiempo contrajo tuberculosos, enfermedad que dieciséis años después le costaría la vida. Durante su exilio, escribe la «oda al Niágara» y publica la primera edición de sus poemas.

En 1825, aceptó la invitación el presidente de México Guadalupe Victoria y regresa a México. Durante los nueve que permaneció en el Estado de México fue periodista, diputado y magistrado



además de  
bibliotecario,  
maestro y director  
del Instituto  
Científico y Literario  
cargo que  
desempeñó poco más de un año.



# HUMANISMO QUE TRANSFORMA